



MUSEU GINÁSIO SÃO JOSÉ

UBÁ - MINAS GERAIS - BRASIL

2015



Alunos durante aula de educação física - início do século XX



CATÁLOGO DO MUSEU GINÁSIO SÃO JOSÉ

UBÁ - MINAS GERAIS - BRASIL

2015

Movimento Cultural São José

Altair Paixão Carneiro

Presidente

Aída Célia de Andrade

Vice Presidente

Moema de Souza Carneiro

Gestora do Museu Ginásio São José

CATÁLOGO - FICHA TÉCNICA

COORDENAÇÃO GERAL

Marina Moss

ORGANIZADORES

Marina Moss

Thiago Almeida

TEXTOS E PESQUISA

Thiago Almeida

Guy Barcellos

Marina Moss

PESQUISA HISTORIOGRÁFICA

Carlos Frankiw

FOTOGRAFIA

Thiago Almeida

FOTOGRAFIAS HISTÓRICAS

Coleção Museu Ginásio São José

PROJETO GRÁFICO E DIAGRAMAÇÃO

Saulo Tironi



MUSEU GINÁSIO SÃO JOSÉ

Rodovia Ubá - Juiz de Fora, km 2

Fazenda Boa Esperança, Ubá

Minas Gerais - Brasil

(32) 3531-5876

ginasiosj.cultural@gmail.com

www.museuginasiosaojose.org.br

Este catálogo foi desenvolvido com recursos do MINC/IBRAM e impresso por meio de mecenato.

Presidenta da República

Dilma Roussef

Vice-presidente

Michel Temer

Ministro da Cultura

Juca de Oliveira

**Secretaria de Fomento
e Incentivo à Cultura**

Carlos Paiva

**Presidente do Instituto
Brasileiro de Museus**

Carlos Roberto Ferreira Brandão

Chefe de Gabinete

Marcos José Mantoan

**Diretora do Departamento
de Processos Museais**

Manuelina Maria Duarte Cândido

**Departamento de Difusão Fomento
e Economia dos Museus – DDFEM**

Eneida Braga Rocha de Lemos

Convênios – DDFEM

Ana Paula Abaurre

Analista de Projeto – DDFEM

Rosany Smchimit

**Departamento de Planejamento
e Gestão Interna – DPGI**

Valeria Grilanda Rodrigues Paiva

**Coordenação de Fomento
e Financiamento – CFF**

Tânia de Castro Bernardes Barbosa Caldeira

**Coordenadora Geral de Sistemas
de Informação Museal**

Rose Moreira de Miranda

Procuradora-chefe

Eliana Alves de Almeida Sartori

Representação Regional do Ibram – MG

Paulo José de Souza



Ministério da
Cultura



Instituto Brasileiro de Museus

Setor Bancário Norte, Quadra 02, Bloco N, 13º andar.

Brasília/DF

CEP: 70040-000

(61) 2024-4420

www.museus.gov.br

M986c

Museu Histórico

Catálogo do Museu Histórico Ginásio São José.

Ubá, Movimento Cultural São José, 1. ed.

2015

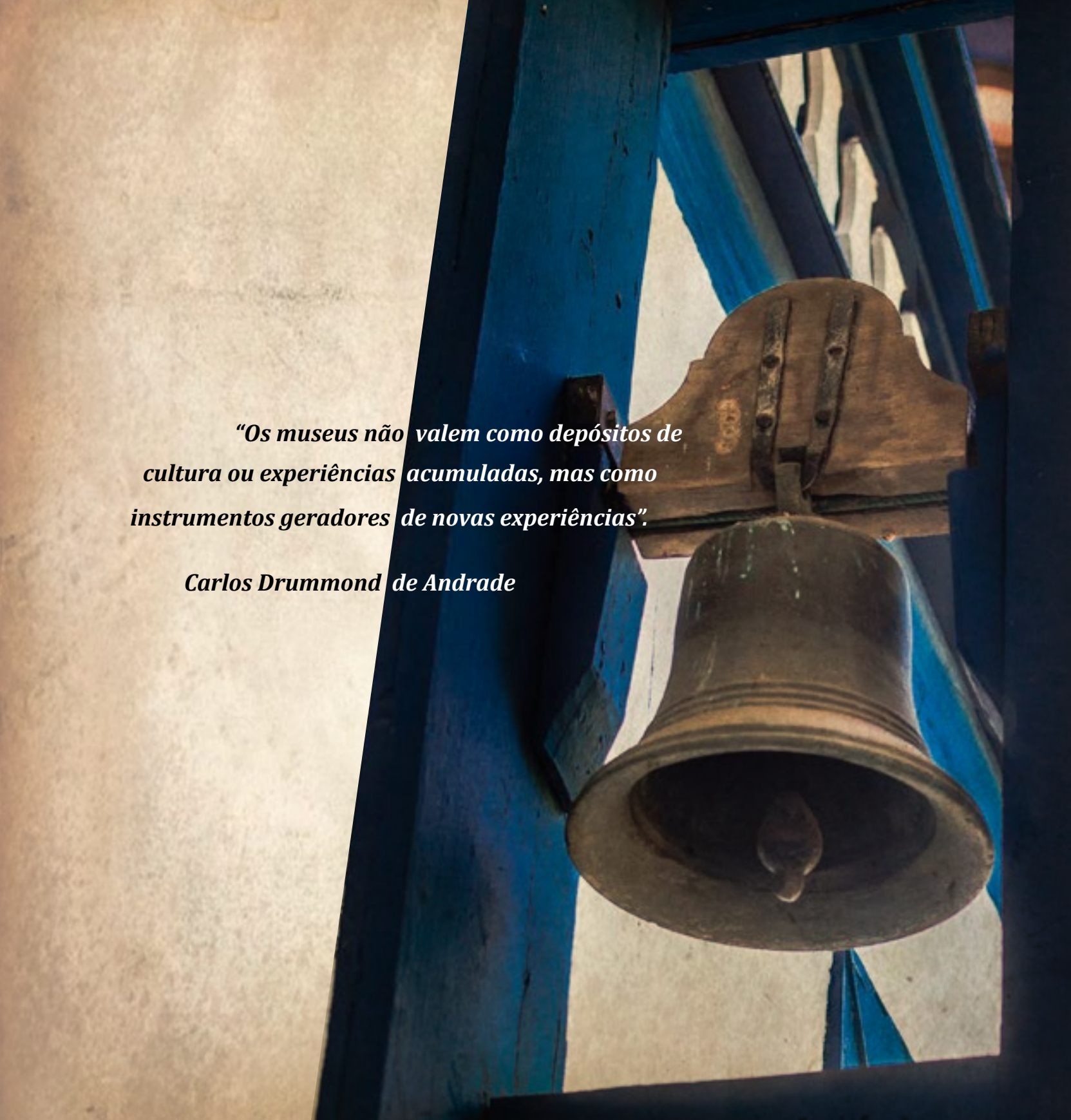
112 páginas; 22 cm.

1. Catálogo 2. Acervo 3. Museu Ginásio São José / IBRAM

1. Título

CDD 060

CDU 011/019

A large, dark metal bell is the central focus, hanging from a wooden frame. The frame consists of several thick, vertical wooden beams, some of which are painted a vibrant blue. The bell is made of a dark, possibly bronze or iron, metal and has a classic, flared shape. It is suspended by a wooden yoke that is part of the frame. The background is a plain, light-colored wall, possibly white or cream. The lighting is dramatic, with strong highlights and deep shadows, emphasizing the textures of the wood and metal.

“Os museus não valem como depósitos de cultura ou experiências acumuladas, mas como instrumentos geradores de novas experiências”.

Carlos Drummond de Andrade



OS MUSEUS

No universo da cultura, o museu assume funções as mais diversas e envolventes. Uma vontade de memória seduz as pessoas e as conduz à procura de registros antigos e novos, levando-as ao campo dos museus, no qual as portas se abrem sempre mais. A museologia é hoje compartilhada como uma prática a serviço da vida.

O museu é o lugar em que sensações, ideias e imagens de pronto irradiadas por objetos e referenciais ali reunidos iluminam valores essenciais para o ser humano. Espaço fascinante onde se descobre e se aprende, nele se amplia o conhecimento e se aprofunda a consciência da identidade, da solidariedade e da partilha.

Por meio dos museus, a vida social recupera a dimensão humana que se esvai na pressa da hora. As cidades encontram o espelho que lhes revele a face apagada no turbilhão do cotidiano. E cada pessoa acolhida por um museu acaba por saber mais de si mesma.

Carlos Roberto Ferreira Brandão
Presidente do Instituto Brasileiro de Museus

PALAVRA DO MUSEU

O Museu Ginásio São José foi erigido a partir de um referencial - o Educandário Gymnásio São José, fundado por José Januário Carneiro, em 1905. O casarão que abriga o Museu foi construído em 1862, e seu surgimento está intimamente ligado à história de Ubá e região. É por esta razão que se constitui como importante patrimônio histórico-cultural e espaço da memória.

Cadastrado junto ao IBRAM na categoria de Museu Histórico, construiu na relação com o antigo educandário um espaço destinado à memória, à História, arquitetura e desenvolvimento criativo. Por intermédio de pesquisas avançou no conhecimento relativo às ciências e aos estudos da mesorregião da Zona da Mata Mineira. A modernização do Museu foi um processo longo, desenvolvido em etapas, e dialogou com ações de pesquisa, de recuperação e conservação do acervo, reparos para manutenção e segurança do prédio, ampliação dos meios de comunicação social, execução de oficinas de arte-educação, e envolveu exercício constante de criatividade para a construção das salas expositivas. A museografia planejada para mediar o acervo do Museu Ginásio São José comunica ao público o cenário vivo da antiga instituição de ensino e dos povos que ocupam, e que ocuparam estas terras, desde seus primórdios.

Os espaços museológicos se propõem a refletir a história e a memória pulsante da região, e foram criados para despertar no público possibilidades de novos olhares e interlocuções, que estimulem a reflexão. A partir da sensibilidade de cada um, nos propomos a catalisar os processos de tomada de consciência e estimular relações com o patrimônio material, imaterial e com a diversidade cultural presentes na zona da mata mineira. Na condição de Ponto de Cultura, e abrigando ainda o Centro de Pesquisa dos Povos da Mata, o Museu Ginásio São José possui um caráter complexo de funcionamento social, cultural, ambiental, acadêmico e turístico.

O Museu é de vocês.

Moema de Souza Carneiro
Gestora do Museu Ginásio São José

PREFÁCIO

“Na maior parte das vezes, lembrar não é reviver, mas refazer, reconstruir, repensar, com imagens e ideias de hoje, as experiências do passado. A memória não é sonho, é trabalho”. - Ecléa Bosi.

Inaugurar um Museu é como escalar o cume de uma montanha: a caminhada, é árdua. Como dar vida e mediar para o público a história, o acervo, o espaço, as memórias e a riqueza cultural dos povos da Zona da Mata Mineira?

Este catálogo surgiu como uma tentativa, singela, de compartilhar um apanhado geral de como foi o processo de ressurgimento do Museu Ginásio São José, e apresentar sua missão: Comunicar aos seus visitantes a diversidade do patrimônio cultural e ambiental, material e imaterial, da Zona da Mata Mineira. O Museu regional foi pensado e construído para atender visitantes, mas ainda mais, aqueles que habitam seu entorno, que fizeram parte de sua história, para garantir o direito à memória dos que aqui vivem.

Memória viva.

Há dois séculos a região da Mata Mineira ainda era considerada uma zona proibida. Área de floresta nativa, do bioma da Mata Atlântica, foi um dos últimos refúgios dos povos originários do litoral e dos sertões do Brasil. Uma área de resistência dos povos indígenas, situada entre o Atlântico, as minas e as terras cultivadas. Com a chegada da família real, em 1808, esta região tornou-se estratégica e outras famílias vieram colonizar este território. Dentre elas, a do Capitão-mor Antônio Januário Carneiro, um dos fundadores de Ubá, que se estabeleceu nas terras da Fazenda Boa Esperança.

Algumas décadas mais tarde, em 1862, foi erguido o casarão, com as mãos e o trabalho daqueles que foram trazidos da África. Com seus alicerces fincados sobre as terras que eram habitadas pelos povos indígenas, foi edificado para ser a residência da família Carneiro, e este território, foi transformado

para sediar as bases da cidade de Ubá. O casarão se transmutou em instituição de ensino. Vieram os imigrantes, de várias partes do mundo, e junto com os descendentes de todos os que aqui viviam, formaram uma população resultante dessa junção, e agora, todos filhos desta terra. E estas histórias precisam ser contadas, e recontadas, com a voz e sob a perspectiva de cada um. O desafio do Museu Ginásio São José é o de mediar estes encontros. Revelar o passado, desconstruir o presente e, assim, reconstruir o futuro. Tarefa árdua, caminhada longa. E os primeiros resultados, fruto de um trabalho coletivo, se voltam para fazer valer a vontade do fundador do Gymnásio São José, de seus ex-alunos e dos membros de sua família que desejam salvaguardar seus ideais: acolher a juventude e trabalhar para às gerações futuras.

Após três anos de planejamento, reformas, estruturações físicas, organização e recuperação do acervo, e da realização de um longo trabalho de pesquisas e investigação, buscamos novas possibilidades, novos olhares... Que reflitam presenças, mas também, ausências. Quem foram as pessoas que se reuniram para compartilhar um território, para erguer com suas mãos e seu trabalho, uma cidade? Quem se dispôs a dedicar sua vida para a formação de jovens, para educar crianças e ampliar os horizontes do conhecimento? Quem, com fé, manteve erguido um patrimônio em vias de desabar, e quem enfrentou as várias adversidades que se impuseram para que o Ginásio São José (re)abrisse suas portas? Para que ofereça um suspiro de mudança numa realidade que, a cada dia, se torna mais (in)tenso?

E o que se perdeu nesse longo processo? Quem são os povos que se fixaram na terra para resistir, e continuar existindo, em meio a tantas transformações? E quem são aqueles, que trazidos de outro continente, demarcaram sua cultura e sua ancestralidade com força, fé e poesia?

O passado pode nos dizer muito sobre quem somos e de onde viemos. O presente é um tecido que se descortina, abrindo as portas para um futuro, no qual todos coexistam. Esse é o desafio do Museu Ginásio São José: ser um instrumento que comunique a história dos povos da mata, a história dos que acreditaram e construíram, e dos que resistiram, lutaram e seguem firmes, no caminho de um mundo novo.

Esse catálogo é uma ferramenta de divulgação do Museu Ginásio São José, para aproximar, informar e compartilhar - com todas as pessoas - as ações de pesquisa, preservação e comunicação nele desenvolvidas. O Museu está a serviço da sociedade e de seu desenvolvimento, e assume o compromisso público de mediar o encontro com o tempo, com a história, com a memória e com a ancestralidade, que aqui reside, e que deve ser (re)conhecida.

Por Marina Moss





SUMÁRIO

Museu Ginásio São José	17
Fundador	20
Associação dos ex-alunos do Gymnasio São José	22
Movimento Cultural São José	24
Equipe Técnica do Museu Ginásio São José	27
Apresentação do catálogo	28
O Ginásio São José e sua história	32
<i>José Januário Carneiro e a fundação do Gymnasio São José</i>	38
<i>O ideário e o cotidiano do Gymnasio São José</i>	42
<i>O encerramento das atividades do Gymnasio São José e seu legado</i>	55
Uma Ode ao Museu	66
Acervo do Laboratório de Física, Química e Ciências Naturais	69
Peças do Acervo	71
Museu da Natureza	93
Setor de Biblioteca e Documentação	95
Coleção e Acervo Fotográfico Histórico	99
Espaço de Memória Afrobrasileira e dos Povos Indígenas	101
Apresentação das Oficinas	107
Referências Bibliográficas	112

MUSEU GINÁSIO SÃO JOSÉ

Após quatro anos de intensos trabalhos, fruto do convênio de “Modernização de Museus”, firmado entre o Instituto Brasileiro de Museus – IBRAM e o Museu Ginásio São José, a instituição abriu suas portas para os municípios da Zona da Mata Mineira. Residência da antiga fazenda do Major Carneiro, construída em 1862, foi transformada no primeiro Educandário de ensino secundário da Zona da Mata por seu filho, José Januário Carneiro, o “Dr. Fécas”. Entre os anos de 1905 e 1965 dedicou-se à educação de jovens, entre eles, o músico e compositor Ary Barroso e o premiado cientista brasileiro, Victor Carneiro.

Em 1995, após um período de ostracismo, foi registrado o Estatuto do Movimento Cultural São José, que viabilizou - dois anos depois - o tombamento municipal do antigo casarão como Patrimônio Histórico Municipal, sob orientação do IEPHA (Instituto Estadual do Patrimônio Histórico e Artístico). Desde então, a antiga instituição de ensino tem funcionado como Centro Cultural, destinado à realização de atividades socioeducativas. No ano de 2009, o espaço foi contemplado com a chancela de Ponto de Cultura, que mantêm até os dias de hoje, e começou a se estruturar como Museu. A partir do convênio com o IBRAM, firmado em 2012, o espaço passou por obras, reformas, recuperação e organização de seu acervo, intensas pesquisas e reformulações de seus salões internos, para se modernizar. No dia 15 de agosto de 2015, abriu oficialmente suas portas para a comunidade - exatos 110 anos da fundação do Ginásio São José e 154 anos da construção do casarão.

Nos últimos anos foi realizado um trabalho minucioso de recuperação de seu acervo, composto por coleções diversas do antigo educandário, que incluem vidrarias e aparelhos dos laboratórios de física, química e ciências naturais. São peças datadas do final do século XIX, e trazidas da França. As coleções também incluem arquivo fotográfico de todo século XX, arquivo documental, biblioteca



Museu Ginásio São José - 2015

e mobiliário de época. Com a intenção de apresentar o acervo, foram estruturados diversos salões expositivos, galeria de arte, anfiteatro, oficina de marcenaria e artesanato, Museu da Natureza, trilhas interpretativas e o Espaço de Memória Afrobrasileira e dos Povos Indígenas. O projeto envolveu dezenas de profissionais de todo o país.

Ainda nos marcos da inauguração do Museu Ginásio São José, a atual gestão está coordenando a criação do Centro de Documentação e Pesquisa dos Povos da Mata, com o objetivo de fomentar reflexões e estudos na região. Os últimos planos e diretrizes de cultura, nas esferas federais e estaduais, sinalizam a necessidade da descentralização e interiorização da cultura no país, preferencialmente a partir de arranjos regionais. Nesse sentido, a equipe vem trabalhando firme com o propósito de alçar o Museu Ginásio São José à categoria de ator regional, capaz de induzir e fomentar ações culturais, ambientais, educacionais, turísticas e de cunho científico.



Gymnásio São José - Início século XX



Alunos e Professores do Gymnásio São José - Início século XX

FUNDADOR

José Januário Carneiro nasceu em Ponte Nova em 1858. Era o segundo filho do 4º matrimônio de Francisco de Paula Januário Carneiro (Major Carneiro) e de Maria de Jesus Castro. Em 1876 entrou no Seminário de Mariana, onde cursou Humanidades e Filosofia. Casou-se em 1º núpcias com Emília Adelaide e em 2º núpcias com Adalgiza Leal Paixão. Em Ouro Preto/MG, depois de diplomado Engenheiro Civil e de Minas, lecionou na Escola de Minas álgebra e geometria durante 36 anos. Após a Proclamação da República foi Intendente da Câmara Municipal de Ouro Preto. Tinha 41 anos quando assumiu a direção do Colégio Mineiro de Ouro Preto, onde permaneceu 18 anos sem sacrificar o exercício de seu cargo na Escola de Minas. Fundou o Ginásio São José em 1905, tendo sido seu diretor proprietário até falecer. Carinhosamente chamado pelos alunos como “Mr. Chips Brasileiro”, faleceu em 9 de junho de 1943 em Ubá, onde foi enterrado.

Prof. Dr. Newton Carneiro

Nasceu em Ouro Preto, a 28 de setembro de 1894, filho de Dr. José Januário Carneiro e D. Emília Adelaide Pereira Carneiro. Foi um dos primeiros alunos do Ginásio São José, tendo concluído nesta instituição o curso em Humanidades. Já trabalhando como professor no mesmo educandário paterno, bacharelou-se em 1918 na Faculdade de Ciências Jurídicas e Sociais, mais tarde incorporada à Universidade do Rio de Janeiro. Estreitamente ligado aos ideais de educação em que se formou, nunca exerceu a advocacia, entregando-se total e exclusivamente ao ensino de Francês e Inglês, e assumindo a direção do Ginásio São José, sem nunca tirar férias, logo após a morte de seu pai. Sua luta para manter o Ginásio em funcionamento foi intensa e dedicada, pois o mesmo se localizava numa região em que as condições financeiras da população exigiam que o ensino fosse gratuito à maioria dos jovens, ávidos por conhecimento. Publicou o livro “Crônicas de Ubá”, com histórias sobre a pequena cidade mineira. Faleceu em 1971, no Ginásio São José.

Dr. José Januário Carneiro
Fundador do Gymnásio São José



Prof. Newton Carneiro
Diretor Gymnásio São José



ASSOCIAÇÃO DOS EX-ALUNOS DO GYMNASIO SÃO JOSÉ

Ao longo de sua história, seja durante seu período em funcionamento, seja nos anos posteriores ao seu fechamento, o Ginásio São José contou com o abnegado auxílio de simpatizantes inteiramente devotados à preservação de sua memória. Da parte daqueles que um dia foram estudantes de suas salas de aula, surgiu em 1945 a Associação dos Ex-Alunos do Ginásio São José, promotora de diversas atividades em favor do Ginásio ao longo do tempo em que funcionou.

Passar alguns dos primeiros anos de juventude como internos ou semi-internos do Ginásio São José significava vivenciar experiências que ficariam marcadas por toda a vida. Além dos saberes obtidos nas salas de aula, nas sessões de cinema educativo, nos laboratórios e nas atividades de educação física, os passeios e excursões pelos bosques da região, o tomar livros emprestados da biblioteca ou fazer parte dos recitais de poesias e debates acalorados das sessões do Grêmio Literário 13 de Maio ou poder ter um artigo publicado no jornal estudantil “O Ginasiano” ajudavam a formar um cotidiano pautado pela diversidade de afazeres, enriquecida pelas brincadeiras e pelo convívio com jovens de distintas origens e idades que, em muitos casos, vieram ali a iniciar amizades que duraram por décadas, após passarem pelas carteiras do educandário.

Senegâmbia e Sibéria eram os apelidos carinhosos dados pelos alunos do Ginásio São José às duas salas de aula que frequentavam todos os dias durante o ano letivo, em virtude ou do excesso de calor ou do frio cortante que nelas passavam durante seus estudos diários. Os apelidos dados pelos alunos internos e semi-internos do Ginásio São José às suas salas de aula traduzem muito da relação afetiva que estes, então jovens estudantes, vieram a ter com o velho educandário de Ubá: a estes, o Ginásio foi durante anos um espaço cotidianamente vivido entre o aprendizado de diversos saberes dentro e fora da sala de aula e o florescimento de duradouros laços de amizade entre muitos - dentre as centenas de jovens - que vieram a frequentar suas dependências, se transformando num importante capítulo de suas trajetórias de vida pessoais.



**VENHA
VIVER
OS 80 ANOS
DO GINÁSIO
SÃO JOSÉ**

24 DE AGOSTO 1905/1985 - UBÁ - M.G.

Encontro dos ex-alunos
Pela preservação dos
ideais do Dr. Fecas,
o mestre
inesquecível.

Das amizades e das boas lembranças deixadas pelos dias passados enquanto estudantes do Ginásio São José, alguns daqueles que vieram depois a se tornar jornalistas, advogados, médicos, engenheiros e competentes profissionais nas mais diversas áreas ajudaram a fundar, em 1945, a Associação dos Ex-Alunos do Ginásio São José: página importante da história do educandário, esta Associação, enquanto existiu, se destacou pelas variadas ações que promoveu tanto em defesa da continuidade das atividades educacionais do Ginásio quanto na preservação da memória, do sonho e do ideário de José Januário Carneiro.

Os ex-alunos do Gymnasio São José, importantes personagens, que tanto lutaram em favor da memória, foram os primeiros semeadores do Museu Ginásio São José. Se ainda hoje é possível resgatar a história do Ginásio São José de Ubá, esta possibilidade se deve quase que inteiramente aos esforços da Associação de Ex-Alunos do Ginásio São José e do Movimento Cultural São José.

MOVIMENTO CULTURAL SÃO JOSÉ

O Museu Ginásio São José é um equipamento cultural de uso público, sem fins lucrativos, gerido através do Movimento Cultural São José, organização social de direito privado, orientada diretamente para o atendimento do interesse público. No início da década de 90, um grupo de pessoas se reuniram para discutir o futuro do antigo casarão que outrora funcionara como educandário Ginásio São José. Dentre estas pessoas estavam ex-alunos, os herdeiros do casarão e pessoas da cidade de Ubá, interessados em dar continuidade à vida do prédio histórico, antiga instituição de ensino da região da Zona da Mata Mineira, para restaurá-lo e reabrir suas portas como espaço voltado à educação e cultura, como era a vontade de seu fundador, já que não foi possível transformá-lo em escola agrícola. No dia 29 de setembro de 1993 foi criado o Movimento Cultural São José, e seu estatuto foi aprovado em 1995, após o trabalho e pesquisa coordenado pela filha do fundador, Altair Paixão Carneiro, Aída Célia de Andrade e Adjalme Martins Filho, ex-aluno¹.

Este processo contou com a ajuda de voluntários, e de outros ex-alunos do Ginásio, que juntos deram início à realização de diversas atividades, para manter o espaço vivo e em funcionamento. Uma menção honrosa deve ser feita a Altair Paixão Carneiro, que durante 20 anos trabalhou arduamente para manutenção do Ginásio, e mesmo sem recursos, organizava vários tipos de eventos para receber doações e manter o acervo organizado. Sua luta, muitas vezes solitária, para angariar fundos e manter salvaguardado o espaço foram fundamentais para a preservação do acervo e do prédio histórico. Assim, no ano de 1997, o casarão foi tombado como patrimônio cultural e arquitetônico pelo decreto municipal 3.701 de 05 de novembro de 1997, quando tiveram início as pesquisas e estudos para a restauração do prédio. Esta iniciativa foi viabilizada pela neta do fundador, Moema de Sousa Carneiro, que acompanhou todo o processo junto ao IEPHA e seu representante, Maurílio de Freitas, responsável pelo projeto arquitetônico, junto a Carlos Henrique Brandão, historiador. No ano de 1999 o prédio foi

¹ As reuniões do Movimento Cultural São José tiveram início ainda em 1993, com regularidade semanal. Os primeiros entusiastas, além dos citados acima, estão aqui relacionados: Francisco de Filippo, Dr. Hemetério Carneiro, Dra Terezinha Correia, Dr. José Lopes Pereira, Maria Lúcia do Hemetério, Idaluza Guadalupe Marques, Gracia Brando Barreto, Antônio Jacob Paixão Carneiro (filho do fundador), Santinho Barreto, Manoel Arthodório da Costa, Maria Helena Rocha e Jacinto Cuzati Neto, Rosa Parma, Maria Aparecida Camulato.

restaurado, através da Lei Rouanet – Ministério da Cultura, com recursos patrocinados por iniciativa do então presidente da TELEMIG, o Dr. Saulo Levindo Coelho, neto do senador Levindo Coelho, ex-professor do Ginásio São José.

A restauração pelo IEPHA foi acompanhada pelo Movimento Cultural São José através de Jacinto Cussato e Marino Azevedo, e executada pela construtora Gomes Pimentel. Em 2001, o Ginásio passou a funcionar como Centro Cultural da cidade de Ubá, mantendo oficinas de artes e visitas guiadas, por meio de leis de incentivo à cultura. Em 2002, ainda a pedido do Dr. Saulo Coelho, a TELEMIG construiu também o anfiteatro do Centro Cultural, com apoio de seu presidente Ivan Ribeiro. O primeiro patrocinador a assinar convênio com o Centro Cultural foi a Cia Força e Luz de Cataguases, através de iniciativa de Antônio J. Paixão Carneiro, filho do fundador e da representante da Cia Força e Luz Cataguases - Mônica Botelho. O convênio teve duração até o ano de 2005, sob a coordenação de Marino Azevedo. Com a finalização do convênio o Centro Cultural permaneceu 2 anos sem patrocinador, e sem realizar atividades públicas, sobrevivendo exclusivamente do trabalho minucioso de Altair Paixão Carneiro e representantes do Movimento Cultural São José.

A partir de 2008, Moema de Sousa Carneiro, filha de Palmyos da Paixão Carneiro (filho mais velho do segundo matrimônio do fundador) tornou-se responsável pela elaboração e gestão de projetos financiados por meio da Lei Estadual de Incentivo à Cultura, destinados à criação de oficinas de arte. Sob sua gestão, conseguiu três novos patrocinadores em Ubá: as empresas de móveis SIERS, PAROPAS e ITATIAIA. Em 2009, já como gestora cultural do Ginásio, aprovou o projeto que deu ao Centro Cultural a chancela de Ponto de Cultura - por intermédio de convênio com o Ministério da Cultura e da Secretaria de Estado da Cultura, SEC-MG - com o objetivo de dar continuidade às oficinas de arte e equipar as instalações do Ginásio São José. Devido a questões externas, o Ponto de Cultura começou a funcionar, efetivamente, em fevereiro de 2011 e continua até o presente momento. Ainda em 2011, Moema Carneiro, elaborou o projeto que foi aprovado pelo IBRAM, no edital de Modernização de Museus, com a finalidade de preservar o rico acervo da Instituição. Atualmente, o Museu tem se mantido através de projetos do Fundo Estadual de Cultura –SEC , do mecenato de Lúcia Paixão Carneiro , filha do fundador, do trabalho voluntário de muitos , do apoio do Movimento Cultural São José, e de pequenos incentivos através da lei de ICMS cultural. O processo de criação de muitos espaços e atividades no Museu, ao longo destes anos, teve por princípio a participação social e a construção coletiva.



EQUIPE TÉCNICA DO MUSEU GINÁSIO SÃO JOSÉ

DIREÇÃO

Moema de Souza Carneiro

SECRETÁRIO EXECUTIVO

Sandra Maria Mussi

PROJETO APRENDIZ

Pablo Galvão

Fellipe Carneiro de Paula

CONSULTORES

Carlos Frankiw

Celestina Vasconcelos

Felipe de Souza

Guy Barros Barcellos

Hanna Fedra Carvalho

José do Carmo Araújo

Marina Moss

Ramon Vieira Santos

Rubens Pyló

Saulo Tironi

Thiago Almeida

Vinicius Andrade Lopes

Yuntas Internacional

EQUIPE DE MONTAGEM E APOIO

Caetano Santana Costa

Denis Rodrigues Moreira

Guilherme Abu-Jamra

Luiz Cláudio Pereira

Elite Segurança

Paulo Luiz da Silva

Ricardo Mazzei

FORNECEDORES

AXEL Impressos Gráficos

Dedetizadora Marques

ZM Equipamentos de Prevenção

VIVA Comunicação Visual

Tecnifoto Laboratório Fotográfico Digital

Eurovisual Impressão Digital em Tecidos

AUXILIARES OPERACIONAIS

Leonor Aparecida dos Santos

Rose Marques

Gilberto dos Santos Pereira

Carlos José Matias

SETOR DE AÇÃO EDUCATIVA

Camila Costa de Campos

Marcone Miranda

Marcelo Gonçalves

Pablo Galvão

SETOR DE COMUNICAÇÃO SOCIAL

Pablo Galvão

SETOR DE BIBLIOTECA E DOCUMENTAÇÃO

Sandra Maria Mussi

CENTRO DE PESQUISA DOS POVOS DA MATA

Dauá Puri

José do Carmo Araújo

Marcelo Lemos

Marina Moss

Moema de Sousa Carneiro

Oswaldo Giovaninni

Sônia Queiroz

Thiago Almeida

Yeda Pessoa

APRESENTAÇÃO CATÁLOGO

O presente Catálogo é um desdobramento das ações desenvolvidas no Museu Ginásio São José a partir de 2012, resultado do convênio de Modernização de Museus firmado entre o Instituto Brasileiro de Museus (IBRAM) e o Movimento Cultural São José. Tal publicação tem o objetivo de apresentar o Museu Ginásio São José à comunidade a partir do seu acervo, histórico, salas expositivas, oficinas e ações sócio educativas.

Parte do acervo do Museu Ginásio São José começou a ser construído ainda no século XIX, iniciativa de José Januário Carneiro, fundador do antigo educandário Ginásio São José, e continuada ao longo dos anos por diferentes aquisições, doações e incorporações. Atualmente a instituição conta com 9 (nove) coleções:

- 1 - Coleção Gabinete de Mineralogia e Geologia;**
- 2 - Coleção Gabinete dos Laboratórios de Química e Física;**
- 3 - Coleção de Répteis;**
- 4 - Coleção Herbário;**
- 5 - Coleção de Aves Taxidermizadas;**
- 6 - Coleção Biblioteca;**
- 7 - Coleção Arquivo Institucional, Documental e Registros Memorialísticos;**
- 8 - Coleção Mobiliário e Utensílios da época do Gymnásio São José;**
- 9 - Coleção de Fotografias de época.**

E 11 (onze) espaços e salas expositivas:

- 1 - Sala Expositiva - Laboratórios de Física, Química e Ciências Naturais;**
- 2 - Museu da Natureza;**
- 3 - Galeria - Acervo Fotográfico e Documental;**
- 4 - Sala de Aula de época;**
- 5 - Sala Expositiva - Restauração e IEPHA;**
- 6 - Sala Expositiva - História do Ginásio São José;**
- 7 - Sala do Fundador;**
- 8 - Sala Expositiva - Espaço de Memória Afrobrasileira e dos Povos Indígenas;**
- 9 - Anfiteatro externo**
- 10 - Refeitório;**
- 11 - Antigo Recreio - Oficina de marcenaria e design criativo.**

O século XXI traz novos e instigantes desafios para a museologia e os espaços de cultura e memória. Este documento procura refletir a herança histórica e material da instituição de ensino Gymnásio São José que funcionou entre 1905 e 1964 em um casario colonial erguido em 1862. Modernizar as instalações, salvaguardar o patrimônio e coleções, além de problematizar espaços que tragam vida ao museu é um desafio contínuo na existência presente do Museu Ginásio São José.

Detalhe do portão do Museu Ginásio São José





O GINÁSIO SÃO JOSÉ E SUA HISTÓRIA

Dulce et decorum pro juventute laborare²

Por Carlos Frankiw

Por suas singularidades, a história do Ginásio São José e do espaço que o abrigou traz consigo laços diretos com os processos históricos de ocupação e povoamento que ocorreram em Ubá e nesta região da Zona da Mata de Minas Gerais. Nesse sentido, contar, ainda que em linhas breves, a história do local que serviu de sede ao Ginásio São José e a história seu fundador é também narrar um pouco das origens históricas do município de Ubá.

Data de um período compreendido entre os séculos XVI e XVIII a primeira leva de povoamento desta região de Minas Gerais, desenvolvida por meio do que parece ter sido um lento processo de migração de populações indígenas anteriormente estabelecidas nas regiões litorâneas do sudeste brasileiro, que foram forçadas à adentrar nos interiores do continente em virtude dos embates constantes ocorridos nestes anos com os colonizadores portugueses. Do que se sabe, as tribos que vieram a ocupar os territórios desta parte da Zona da Mata mineira nestes anos eram em sua maioria pertencentes às populações indígenas dos Coroados, Coropós e Puris (CARNEIRO, 1987, P. 51).

No que tange ao povoamento colonizador português desta região da Zona da Mata da então Capitania de Minas Gerais, o mesmo parece ter se iniciado ou se intensificado de maneira progressiva a partir do último quartel do século XVIII. Dentre os motivos que explicariam a ocupação colonizadora relativamente tardia da Zona da Mata em comparação com o povoamento de outras regiões mineiras se encontraria o fato de que, até meados da década de 1770, parte deste região era considerado zona proibida para ocupação pela Coroa Portuguesa³. Aparentemente, ao extinguir com esta restrição nos anos 1770, parece ter sido intenção da Coroa lidar tanto com a necessidade de desconcentração populacional da área mineradora virtude da progressiva decadência desta atividade, quanto incrementar o abastecimento de víveres para toda a Capitania, então dependente de mantimentos enviados de outras localidades da Colônia.

Fazendo uso das margens dos rios que cortam a região e dos aglomerados de pequenos e grandes vales próprios à geografia local, a ocupação colonizadora, em seus primórdios, teria inicialmente se constituído a partir tanto da criação de laços de convívio nem sempre pacíficos com as populações indígenas locais quanto da criação de pontos de apoio e de pouso para a movimentação de comerciantes, missionários religiosos católicos e tropas da Coroa durante seus deslocamentos pela Capitania. De maneira similar à colonização de outras áreas da América Portuguesa desde o século XVI, a ocupação territorial da Zona da Mata mineira pelos colonizadores se deu inicialmente por meio da doação de sesmarias pela Coroa a potenciais interessados em se estabelecer na área: os primeiros registros existentes referentes a doação de terras da região datam de 4 de dezembro de 1797, data em que seis famílias fizeram a requisição de sesmarias para fins de povoamento (PREFEITURA MUNICIPAL DE UBÁ, 1980, P. 11, 12).

Fazenda Boa Esperança e Gymnásio São José – Início século XX





Gymnásio São José

² É doce e belo trabalhar pela mocidade., adágio do Ginásio São José.

³ A designação de área proibida pela Coroa Portuguesa implicava não somente em todo um conjunto de restrições para a ocupação territorial, como igualmente em todo um conjunto de regulamentos e ordenações especiais quanto às formas desta ocupação. Por se situar em área próxima às jazidas auríferas e diamantíferas então existentes na Capitania de Minas Gerais, bem como em meio à caminhos que ligavam esta Capitania às de São Paulo e do Rio de Janeiro, é provável que esta designação dada pela Coroa à esta parte da Zona da Mata mineira tenha sido uma forma encontrada pela administração colonial de dar combate às práticas de contrabando de metais então comuns nesta região da colônia.

Ainda que o território que atualmente compreende o município de Ubá não tenha feito parte do perímetro delimitado por esta zona proibida (PREFEITURA MUNICIPAL DE UBÁ, 1980, P. 11), é possível que sua proximidade desta área tenha influenciado em seu povoamento colonizador tardio.

Para saber mais sobre o banditismo neste período, ver: ANASTASIA, Carla Maria Juno. *A Geografia do Crime: violência nas Minas setecentistas*. Belo Horizonte: Editora UFMG, 2005.

Dentre as famílias que vieram a ocupar a região neste período, de especial interesse para a história do município de Ubá deteve a família formada pelo Capitão-mor Antônio Januário Carneiro e Francisca Januário de Paula Carneiro. Filho do alferes Antônio Carneiro e de Teresa Maria de Jesus e Silva e descendente do bandeirante Manoel de Borba Gato (PREFEITURA MUNICIPAL DE UBÁ, 1980, P. 31), o Capitão-mor Antônio Januário Carneiro e sua família obtiveram a posse de terras nesta área possivelmente nos primeiros anos do século XIX⁴. Nesta área, Antônio Januário Carneiro veio a estabelecer a Fazenda Boa Esperança, em terras em que se situam os marcos iniciais do povoamento do atual município de Ubá. Profundamente religioso, o Capitão-mor Carneiro teria doado parte das terras de sua posse e solicitado à Coroa Portuguesa autorização para a construção de uma pequena capela religiosa em louvor ao seu santo de devoção ainda durante os primeiros anos da década de 1810 (PREFEITURA MUNICIPAL DE UBÁ, 1980, P. 13). A autorização da parte do Príncipe Regente D. João veio a ser concedida em 1815, e no local doado pelo Capitão-mor dentre as terras de sua propriedade veio a ser erguida uma capela em devoção a São Januário:

”Ao Capitão Guido Thomaz Marlière, D. João, por Graça de Deus, Príncipe Regente de Portugal e do Algarves d’aquém e d’além mar em África de Guné, faça saber a Vós, Capitão Guido Thomaz Marlière, Diretor Geral da Aldeia do Pomba, que na Junta Militar da Conquista e Civilização dos Índios foi vista a Vossa carta de 14 de setembro do presente anno e conformando-me com a Vossa representação sobre a necessidade e de erigir uma Capela no ribeirão Ubá anexa a Matriz de Prezidio de São João Batista; para melhor cathechização das diferentes Aldeias de Índios Coroados que ali se acham estabelecidos o requerimento de alguns portugueses, igualmente residentes que comprometem a construí-la à própria despesa, sou servido a autorizar-vos para a fundação da referida Capela no sítio designado debaixo da invocação de São Januário e que feito, e achando-se provida de imagens e ornamentos se requererá competentemente ao Prelado Diocesano para mandas visitar e benzer.

[...] Vila Rica, 3 de novembro de 1815 (VIEIRA, 1990, P. 23).”

⁴ De acordo com a pesquisa conduzida por Francisco Eduardo Pinho em registros existentes acerca da colonização dessa região da Zona da Mata em fins do século XVIII, o Capitão-mor Antônio Januário Carneiro teria se mudado para as terras onde veio a constituir a Fazenda Boa Esperança por meio de processo de aquisição que não se passou pela concessão de sesmarias pela Coroa, dado que o mesmo não detinha carta de concessão. Diante dessa informação, é possível supor que não só Carneiro como outras famílias que vieram a se estabelecer na região nesses anos tenham adquirido suas terras por meio da compra das mesmas de indivíduos que talvez fossem seus proprietários originais perante a Coroa Portuguesa. Para saber mais, ver: PINTO, Francisco Eduardo. Avanço da agricultura sobre as terras indígenas da capitania de Minas: distribuição de sesmarias nos sertões dos rios Pomba e Peixe (1750 - 1822). In: *Anais do XIV Seminário sobre a Economia Mineira*. Diamantina: CEDEPLAR/UFMG, 2010. Disponível em: http://www.cedeplar.ufmg.br/seminarios/seminario_diamantina/2010/D10A028.pdf. Acesso em: 20/5/2015.

Construída ao longo do tempo de tramitação do requerimento à Coroa, a Capela de São Januário veio a ser inaugurada pouco tempo após a expedição da concessão, em 7 de novembro de 1815 (PREFEITURA MUNICIPAL DE UBÁ, 1980, P. 13). A localidade onde foi erguida esta ermida veio em pouco tempo a atrair um progressivo povoamento de seu entorno e em direção ao caminho de Guarapiranga, por meio da construção de propriedades rurais, casas e pequenos estabelecimentos comerciais pelos habitantes que vieram a se estabelecer na região. Ao que parece, este povoamento veio a se desenvolver com relativa rapidez ao longo das próximas quatro décadas, dado que a 17 de junho de 1853 o arraial era elevado por Lei Provincial à condição de Vila e sede do município de São João do Presídio. Por meio da aprovação de nova Lei da Província de Minas Gerais, de 3 de julho de 1857, a Vila era elevada administrativamente à condição de cidade sob a denominação de São Januário de Ubá, tornando plena sua autonomia administrativa perante outras localidades da região (PREFEITURA MUNICIPAL DE UBÁ, 1980, P. 13).

Quanto ao termo Ubá, que veio a se consolidar como a denominação permanente do município, este deteria relação direta com o nome homônimo do ribeirão que corre pela cidade. Ao que se sabe, este termo, de origem indígena, faria alusão tanto a uma vegetação específica existente em suas margens que era utilizada pelas populações nativas para a confecção de flechas (a planta gramínea *Gyneryum Sagittatum*) quanto a um tipo de canoa de madeira de nome similar que estes construam (VIEIRA, 1990, P. 16).

Por volta de fins da primeira metade do século XIX, foi introduzida a cafeicultura nas grandes propriedades rurais de Ubá e da região, favorecida pelas condições do solo e clima local. Indo do desenvolvimento das comunicações, do comércio e dos transportes ao aumento populacional, a cultura do café deixou marcas duradouras na história de Ubá. Uma destas marcas, entretanto, se fez mais sob o signo das facetas mais cruéis da história da cafeicultura no Brasil: a intensificação do uso de mão de obra escrava formada por populações africanas e afrodescendentes tornadas cativas pelo colonizador português e pelo tráfico negreiro após a independência brasileira, mão de obra esta introduzida de maneira não sistemática na região em processo paralelo à ocupação colonizadora. Dependente de grandes contingentes de trabalhadores, a cafeicultura no município se desenvolveu a partir deste cruel expediente, o que possivelmente tornou a região foco de tensões e rebeliões desta população diante da condição que lhe foi imposta (CARNEIRO, 1987, P. 36, 37).



Comemoração do 5º aniversário do Gymnásio São José – 1910

Com a progressiva restrição ao uso da mão de obra escrava ao longo da segunda metade do século XIX⁵ que culminou com a promulgação da Lei Áurea em 1888, Ubá passou a incorporar em sua população contingentes imigrantes europeus, majoritariamente oriundos da Itália. Pelo menos até 1888, estes imigrantes inicialmente eram em sua maioria provenientes do sul da Itália e majoritariamente compostos de artesãos e profissionais liberais; da abolição da escravidão até o fim do século XIX, a cidade veio a receber novas levas imigrantes italianas, agora oriundas do norte deste país europeu e em sua maioria camponeses (PREFEITURA MUNICIPAL DE UBÁ, 1980, P. 25).

Foi desta mistura nem sempre pacífica entre distintas culturas e diferentes formas de vivência que veio a se formar o atual município de Ubá e suas singularidades. Da fundação da Fazenda Boa Esperança por seu primeiro proprietário, veio não só o impulso para o povoamento colonizador inicial, mas igualmente um de seus mais nobres capítulos, concentrado na área da educação: a fundação do Ginásio São José.

⁵ Com a proibição do tráfico de escravos imposta pela Grã-Bretanha a partir de 1845, o Império Brasileiro se viu forçado a aprovar todo um conjunto de leis visando eliminar o tráfico negreiro e progressivamente restringir a comercialização e uso de mão de obra escrava no país. Dentre esta legislação, se destaca: a Lei Eusébio de Queiroz, de 1850, proibindo a chegada de navios negreiros em portos brasileiros; a Lei do Ventre Livre, de 1871, determinando que todos os filhos de escravos nascidos a partir de sua promulgação fossem considerados juridicamente libertos; a Lei dos Sexagenários, de 1885, determinando a imediata libertação de todos os escravos com idade acima de 60 anos encontrados em situação de cativo no país.

JOSÉ JANUÁRIO CARNEIRO E A FUNDAÇÃO DO GINÁSIO SÃO JOSÉ

A história da Fazenda Boa Esperança e dos descendentes do Capitão-mor Carneiro detém relação direta com a biografia daquele que veio a idealizar a fundação do Ginásio São José: o engenheiro, educador, professor e ensaísta José Januário Carneiro.

Nascido no município de Ponte Nova em 1858, José Januário Carneiro era neto do Capitão-mor Carneiro, sendo filho do matrimônio de Francisco de Paula Januário Carneiro com Maria de Jesus Castro. Criado em seus primeiros anos nas imediações da Fazenda Boa Esperança, José Januário Carneiro iniciou os primeiros capítulos de sua vida em meio a muitas dificuldades oriundas da morte prematura de seus pais e dos poucos recursos que veio a herdar de sua família. De sua infância conturbada, também ficou uma outra marca que carregou como aprendizado pelo resto de seus dias: a da profunda consideração pelas populações afrodescendentes, forjada a partir do convívio e dos cuidados que lhes foram prestados nestes anos quase que exclusivamente por escravos que trabalhavam na região.

Contando com o auxílio de alguns parentes residentes na região de Ubá, Carneiro se iniciou nos primeiros aprendizados educacionais ainda nos primórdios de sua adolescência, por meio de professores particulares e pequenos grupos escolares então em funcionamento no município (CARNEIRO, 1931, P. 4, 5). Seu início no magistério teria se dado nos anos 1880, como forma de obtenção de rendas para custear sua subsistência cotidiana e seus estudos em Engenharia na Escola de Minas de Ouro Preto.

Diplomado em Engenharia Civil, José Januário Carneiro chegou a atuar nesta profissão nos anos 1880 em Ouro Preto. Do que se sabe deste período, Carneiro teria trabalhado tanto na administração da Câmara Municipal de Ouro Preto quanto em obras de construção das redes de esgoto e saneamento

da então capital da Província. Destes trabalhos em engenharia, teria surgido o carinhoso apelido de Doutor Fécas que carregou ao longo de sua vida, ainda que, quando perguntado sobre as origens desta alcunha, Carneiro costumasse dizer que ela teria nascido a partir da pronúncia peculiar de um tio de seu apelido de infância, Zeca (CÂMARA DOS VEREADORES DE UBÁ, 1959, P. 2).

Durante esses anos passados entre estudos e o dedicar às profissões de engenheiro e professor, José Januário Carneiro teria desenvolvido aqueles que seriam os primeiros esboços do projeto que somente iria materializar na alvorada do século XX: a fundação de um educandário nas terras onde passou sua infância, mais precisamente na fazenda que anteriormente era propriedade de sua família. Estes primeiros esboços teriam se desenvolvido ao longo do convívio com colegas e ex-colegas da Escola de Minas: de seu plano, sabe-se que o mesmo teria sido delineado por volta de 1884 e que, inicialmente, “era vasto e complexo, abrangendo a fundação de uma Escola Agrícola e Veterinária, a formação agrária consciente, o aproveitamento das forças novas para a fartura dos grãos e o talhe dos sábios e bons semeadores (MOVIMENTO CULTURAL SÃO JOSÉ, 2005, P. 55)”.

Tendo este plano em mente, José Januário Carneiro passou a se dedicar com afinco à obtenção de recursos para adquirir a propriedade originariamente pertencente à sua família. À época em que se iniciou neste processo de aquisição, as terras que compreendiam a Fazenda Boa Esperança se encontravam divididas entre diversos herdeiros e compradores de lotes de sua área original. Diante deste quadro, o próprio José Januário Carneiro explica como procedeu para readquirir para sua família a propriedade:

“Diretor do Colégio Mineiro e lente da E. de Minas, comecei a fazer economia e resolvi comprar as partes aos herdeiros da fazenda que fora de meu pai, e propus antes alguns quesitos ao dr. Levindo Lopes e Virgílio Mello Franco sobre tal negócio.

[...] Revirei cartórios de Ubá e de Piranga, tomando informações aqui e acolá e reuni os documentos necessários. Saindo um dia de certo cartório, coberto de teia de aranha, disse-me um primo, que eu não conseguiria o que desejava, ao que eu lhe respondi: quem teve forças para se formar à sua custa, realizará também este seu plano.

Fui, pouco a pouco adquirindo todas as partes, sempre com o fito de fundar a minha escola agrícola, gastando quase 30 contos, para aquisição de todas as partes. A fazenda estava muito dividida entre parentes e pessoas estranhas.

Comprei perto de 60 partes e tais foram as dificuldades encontradas que fui coagido a gastar 30 contos, ao passo que a fazenda, se fosse à praça, não produziria 10 contos, tal o seu estado de abandono. Dessa forma, evitei que a fazenda de meu saudoso pai fosse à praça (CARNEIRO, 1931, P. 15).”

Paralelamente ao delongado processo de compra da Fazenda Boa Esperança, José Januário Carneiro buscou sem sucesso auxílios dos poderes públicos ao longo da década de 1890 em favor de sua iniciativa. Ainda que tivesse por objetivo final a fundação de instalações que servissem para a criação de uma Escola Técnica, Carneiro teria sido convencido nestes anos por amigos mais próximos de que o melhor caminho para a concretização de tal finalidade seria o de construir uma instituição de ensino secundário que servisse como um primeiro passo em favor da posterior obtenção de subsídios públicos para seus ambiciosos planos (CARNEIRO, 1931, P.16, 17). Assim, ao terminar de comprar Fazenda Boa Esperança, Carneiro deu início à reforma da casa que servia de sede à propriedade ainda nos primeiros anos do século XX, visando adequá-la para os propósitos educacionais que lhe fizeram adquiri-la. Anos depois da fundação do Ginásio São José, em texto autobiográfico, o próprio Carneiro fornece um breve e nostálgico relato dos contrastes entre a antiga sede da Fazenda e o que ela veio a se transformar após a reforma que empreendeu para possibilitar o funcionamento do educandário:

“Vivo agora das reminiscências de um passado saudoso, criando minhas vaquinhas e cultivando minhas batatas. Vejo o velho prédio construído por meu pai, há 72 anos, quando nasci e onde, com coqueluche, fui o primeiro a morar, hoje transformado em casa de educação. O 1º andar, outrora depósito de cangalhas dos tropeiros, que levavam o café pilado para o Rio e após a morte de meu pai fora transformado em estribaria, é hoje depósito de carteiras escolares, onde os alunos armazenam seus conhecimentos para se matricularem nas academias ou para a luta pela vida. O grande depósito de mobílias, etc., verdadeiro almoxarifado, está hoje dividido em salas de aulas de línguas, ciências, gabinete de física, química e história natural. A cozinha dos escravos, onde ouvi, sentado ao lado do fogo, as histórias recreativas de uma escrava já idosa, criada entre os meus por nome Vitória, que, orgulhosa, cantou vitória contando-me uma história de dois irmãos gêmeos, muito parecidos e fiéis amigos, encerrando, como tantas outras histórias, um fundo moral elevado, está hoje completamente renovada e é a mesma cozinha onde se preparam as refeições dos alunos. Os quartos de hóspedes e

aquele em que, órfão de pai e mãe, escrevi a lápis, com lágrimas nos olhos, a frase – coitado de quem não tem pai nem mãe! – são hoje dormitórios, e, finalmente, a grande sala de visitas, em cuja mesa central eu cobria meus debuxos e comecei a fazer minhas contas, está hoje transformada em capela onde, aos domingos, nos santifica Aquele que, do alto do Calvario, redimiu a humanidade sofredora, para a vida eterna e para a Glória (CARNEIRO, 1931, P. 46, 47)!”

Foi neste prédio reformado que, em 24 de agosto de 1905, por meio de recursos próprios e de um pequeno auxílio monetário oriundo da Prefeitura Municipal de Ubá (VIERA, 1990, P. 85), José Januário Carneiro inaugurou o Ginásio São José, em uma solenidade marcada pela presença de personalidades públicas locais e por integrantes de toda a imprensa regional (PREFEITURA MUNICIPAL DE UBÁ, 1980, P. 15, 16).

Alunos do Gymnásio São José no recreio – Início século XX



O IDEÁRIO E O COTIDIANO DO GINÁSIO SÃO JOSÉ

A fundação do Ginásio São José viria a ser a concretização de um sonho alimentado por duas décadas por José Januário Carneiro: a da construção de uma instituição de ensino que pudesse fornecer instrução de qualidade e novas perspectivas de inserção social e cultural para os habitantes de Ubá e de sua região.

Fruto de sua experiência como professor e diretor de instituições de ensino em Ouro Preto, José Januário Carneiro concebeu o Ginásio São José originariamente como instituição que pudesse capacitar seus alunos em formação aprofundada em segundo grau, por meio de conteúdos que lhes permitissem ampliar seus horizontes quanto à sua formação educacional e seu futuro profissional: em larga medida, boa parte de suas concepções pedagógicas se fizeram presentes nos estatutos que vieram a reger a instituição em seu funcionamento, bem como em seus escritos e anúncios de propaganda publicados na imprensa da região. Dentre as finalidades educacionais propostas como objetivos do Ginásio em seu primeiro estatuto, em seu primeiro artigo encontravam-se:

“Art. 1º. O Ginásio São José, criado no município da cidade de Ubá, tem por fim ministrar à mocidade educação física, moral e religiosa, e habilitá-la para a matrícula às academias e escolas superiores da República, para o comércio ou qualquer outro ramo da atividade social; para o que tem seus programas de estudo de acordo com o regulamento em vigor no Ginásio Nacional (GINÁSIO SÃO JOSÉ, 1905, P. 1).”

Visando fornecer instrução de ordem tanto científica quanto humanista para aqueles interessados em prosseguirem seus estudos para as mais diversas carreiras profissionais, o Ginásio São José fora concebido como instituição de segundo grau em duas instâncias: adaptação, para aqueles

que precisassem de formação complementar antes de retomar seus estudos, e ginásial, aonde se ministrariam os conteúdos então integrantes dos parâmetros curriculares em ensino secundário. Nesse sentido, José Januário Carneiro procurou conceber idealmente o Ginásio São José como uma mescla de qualidades pedagógicas cultivadas como valores pessoais e profissionais adquiridos ao longo de sua atuação como educador: teria sido a partir destas concepções que teria optado pela fundação do Ginásio enquanto internato rural. Para o mesmo, instituições deste tipo pareciam configurar uma mescla única de vantagens para a educação de jovens:

“Voltemos ao Ginásio S. José e tratemos agora das vantagens da fundação de estabelecimentos desta ordem fora dos centros populosos. Tais vantagens são:

1º) Consolidação do caráter do aluno baseada nos ensinamentos dos Santos Evangelhos.

[...] 2º) A segunda vantagem é a real aplicação e aproveitamento dos alunos aos seus estudos.

[...] 3º) A terceira é o hábito do trabalho, o método a seguir.

[...] 4º) A quarta vantagem é a que se refere à saúde: os alunos gozam mais saúde, vivendo em meio saneado física e moralmente, gozando de passeios campestres e exercícios esportivos adequados, em uma atmosfera saneada, bastante oxigenada e purificada pela vegetação, bebendo água pura, o que nem sempre se encontra nos grandes centros por mais progresso que façam a engenharia sanitária e a higiene com suas grandes descobertas.

[...] 5º) Os alunos, quando isolados nos internatos, ficam livres dos meios de corrupção que fervilham nos centros populosos, onde a profilaxia e a higiene moral são impossíveis, por melhores que sejam as leis de repressão e os esforços da polícia, principalmente no Brasil, onde tudo concorre para corromper a mocidade, além dos meios em que geralmente são criados nossos filhos.

[...] 6º) A sexta vantagem, não sei se observada pelos meus colegas, é a conservação e consolidação do amor da família.

[...] 7º) A sétima vantagem decorre do seguinte: os moços, convivendo em uma sociedade em estado embrionário, adquirem prática da convivência na grande sociedade e, conhecendo-se reciprocamente, se tornam verdadeiros amigos do futuro e se auxiliam reciprocamente.

[...] 8º) Quando os internatos são isolados dos grandes centros urbanos geralmente dispõem de maior arca, onde se pode fazer cultura e criação de gado que proporcionam uma alimentação vegetal e animal mais saudável, e ao mesmo tempo mais econômica, sem os inconvenientes dos alimentos importados e mais caros e que prejudicam a saúde dos alunos, como tive ocasião de verificar.

[...] 9º) A nona vantagem é a da grande economia que fazem os pais, evitando os fatos, calçados e mais objetos caros que são necessários aos filhos que moram nos grandes centros, além das grandes mesadas para as despesas de cinemas, bares, etc.

[...] 10º) Os alunos, quando tem concluído o curso secundário, vão para as academias com uma base de conhecimentos sólidos, fortes e animados, assimilando com mais facilidade os cursos superiores (CARNEIRO, 1931, P.39, 40, 41, 42, 43).”

Ao que parece, Carneiro acreditava que ambiências como internatos rurais seriam particularmente propícias para ofertar uma espécie singular de educação integral⁶: aliando conhecimentos humanísticos, literários e científicos, pretendia disseminar em seus alunos um conjunto de conteúdos que pudesse lhes preparar para qualquer carreira que viessem a seguir; unindo o ambiente educacional ao ambiente rural da fazenda que cercava seu Ginásio, acreditava que o contato com a natureza viesse a servir para o cultivo de hábitos saudáveis por parte de seus alunos; buscando conciliar estes aspectos com uma formação de cunho moral e religiosa, procurava cultivar entre seus estudantes valores que julgava necessários para a vida social.

Em termos práticos, seus ideais pedagógicos de educação integral serviram de inspiração direta para o funcionamento do Ginásio São José. Inicialmente, entretanto, a instituição parece ter se consolidado aos poucos, procurando primeiramente atrair alunos interessados em dar prosseguimento aos estudos primários, para, num momento posterior, poder ofertar de maneira integral um curso secundário. Esta dimensão gradativa de crescimento escolhida como forma de funcionamento inicial do Ginásio se torna patente poucos dias após sua inauguração, quando seu corpo diretor veio a publicar um anúncio no jornal A Gazeta de Ubá, em sua edição de 3 de setembro de 1905:

⁶ O uso do termo “educação integral” neste texto procura ser efetuado de maneira particularmente restrita e consciente das diversas designações e significados dado a este termo entre historiadores da educação. Nesse sentido, o uso deste termo buscará se referir fundamentalmente a uma perspectiva mais descritiva que interpretativa em sentido valorativo para a designação das particularidades dos ideários e das práticas pedagógicas concebidas e materializadas por José Januário Carneiro no Ginásio São José. Desse modo procura-se aqui se remeter majoritariamente ao panorama multidimensional da concretização destas práticas e ideários, particularmente no que tange à união entre formação educacional humanística, científica, moral e religiosa, percebida a partir da leitura da documentação consultada no acervo do Museu São José para a confecção deste texto.



Alunos do Gymnásio São José, vestidos para desfile – Início século XX



Alunos do Gymnásio São José - Início do século XX.

“GINÁSIO S. JOSÉ

CIDADE DE UBÁ – MINAS

CURSO DE ADAPTAÇÃO

DISCIPLINAS – HORAS – DIAS – LENTES

Português e Leitura – Das 2 as 3 da tarde – Diárias – João Cabral Flecha

Geografia – 10 às 11 da manhã – segundas, quartas, sextas e sábados – O mesmo.

História do Brasil – 10 às 11 da manhã – terças e quintas – O mesmo.

Aritmética e Morfologia – De 1 às 2 da tarde – Diariamente – Arnaldo Carneiro Viana

PRIMEIRO ANO

DISCIPLINAS – HORAS – DIAS – LENTES

Português – Das 7 às 8 da manhã – segundas, quartas e sextas – Rosalino Ponciano Gomes

Francês – das 7 às 8 da manhã – terças, quintas e sábados – O mesmo.

Aritmética – das 7 às 9 da manhã – diariamente – Farm. Antonio Amaro Martins da Costa

Geografia – 12 à 1 da tarde – terças, quintas e sábados – Rosalino Ponciano Gomes

Desenho – 11 às 12 da manhã – segundas, quartas e sextas – Farm. Antonio Amaro Martins da Costa

SEGUNDO ANO

DISCIPLINAS – HORAS – DIAS – LENTES

Português – das 8 às 9 da manhã – terças, quintas e sábados – Rosalino Ponciano Gomes

Francês – das 8 à 9 da manhã – segundas, quartas e sextas – O mesmo.

Aritmética e Algebra – das 7 as 8 da manhã – diariamente – Farm. Antonio Amaro Martins da Costa

Desenho – das 11 as 12 da manhã – segundas, quartas e sextas – O mesmo.

Geografia – das 5 às 6 da tarde – terças, quintas e sábados – Dr. Levindo Eduardo Coelho

Inglês – das 5 às 6 da tarde – segundas, quartas e sextas – O mesmo.

Secretaria do Ginásio S. José, 29 de agosto de 1905.

O secretário, Arnaldo Carneiro (A GAZETA DE UBÁ, 03/09/1905, P. 1).”

A publicação deste anúncio traz consigo diversas características que vieram a reger o Ginásio São José em seu funcionamento. Primeiramente, pela opção de publicar um anúncio na imprensa local: prática comum ao longo dos anos, a publicação de notas e anúncios de divulgação de suas atividades cotidianas ou dos serviços oferecidos pelo educandário nestes jornais parece evidenciar seu interesse em atrair majoritariamente estudantes residentes da região, possivelmente em virtude da carência de instituições similares nesta parte de Minas Gerais. Em segundo lugar, pela divulgação do currículo da instituição e de seu corpo docente, prática comum em seus anúncios: ao que parece, no que tange ao currículo, propagandas assim eram não somente forma de divulgar sua adequação aos parâmetros curriculares então vigentes de ensino, mas igualmente de demonstrar a oferta de um conjunto de disciplinas que viesse a constituir de maneira harmônica um equilíbrio entre ramos teóricos e práticos dos saberes a serem repassados aos seus estudantes ao longo do tempo⁷; no que concerne ao corpo docente, propagandear seus nomes parece ter sido um meio de tornar pública sua preocupação com a constituição de um ambiente pautado por profissionais de formação e competência variada como aqueles diretamente responsáveis por ministrar os saberes que integravam seu currículo.

Ainda que o Ginásio São José tivesse vindo a ofertar um curso secundário restrito às primeiras séries ao longo de seus primeiros anos de existência, é possível dizer, a partir da consulta da documentação existente, que a partir dos anos 1920 até seu fechamento, a instituição passou a ofertar de maneira estável o segundo grau integral, contando com eventuais adaptações por iniciativa de seus diretores ou por adequação a diretrizes educacionais construídas ao longo do tempo. Esta documentação também permite inferir que a concretização do curso secundário por parte do Ginásio entre os anos 1920 e 1940 igualmente parece ter incidido tanto na diversificação de disciplinas ofertadas quanto no crescimento de seu corpo docente, de modo a melhor qualificar seu ensino.

Do ponto de vista daqueles que vieram a frequentar o Ginásio São José como estudantes, seu cotidiano envolvia todo um conjunto de novas experiências, referentes aos aprendizados obtidos em sala de aula e fora dela, às perspectivas que lhe eram abertas de futuro profissional, à rotina regida por seus regimentos internos⁸ e ao convívio com jovens das mais variadas origens com quem compartilhavam seu dia a dia. Deste cotidiano, uma das mais marcantes experiências aparentemente se encontrava no próprio viver sob regime de internato⁹, e o que isto representava aos olhos de muitos jovens que, pela primeira vez em suas vidas, se encontravam longe de seus lares:

“INTERNATO

A gente sai de casa triste. A mamãe, o papai e os maninhos ficaram chorosos com a nossa partida, mas o que fazer. É preciso estudar e ler os bons livros. O sacrifício dos papais precisa ser compensado. Por isso, contemos as lágrimas. Mas, afinal de contas, a vida de internato tem as suas compensações. A saudade é sempre presente, mas a alegria dos colegas inunda as horas do recreio. A certeza de que estudando chegaremos ao fim do ano letivo com bons resultados, logrando aprovação, faz com que prestemos atenção nas aulas. Depois há as horas de folga. No recreio comentamos todos assuntos. No futebol, disputamos boas partidas. Na represa, apesar do frio, nos exercitamos na natação. Às quartas-feiras, há sessão de cinema. Os alunos se comprimem na Sibéria e permanecem alegres durante duas horas enquanto as imagens se projetam na tela. Porque agora temos filmes de longa metragem. O internato é bom. Tem horário para tudo, desde o sininho enjoado que nos acorda de manhãzinha até as baladas sonoras do café e do almoço. Aos sábados, as aulas terminam um pouquinho mais cedo e a gente pode vir à cidade, rever as coisas antigas e pedir a benção aos papais que nos aguardam. Quando estudamos com interesse, o tempo passa depressa. Vamos estudar, não é?

José Carlos Arruda

2^a série (O GINASIANO, 24/8/1951, P. 3)”

⁷ Em seu primeiro estatuto O Ginásio São José contou com diversas modificações curriculares ao longo do tempo, normalmente contempladas em seus anúncios de propaganda e seus estatutos, que também detinham tópicos concernentes aos mesmos. No primeiro estatuto do educandário, publicado em 1905, se encontravam, por exemplo, as seguintes disciplinas: português, francês, inglês, latim, alemão, grego, literatura, geografia, história geral, história do Brasil, conografia do Brasil, lógica, aritmética, desenho, álgebra, geometria, trigonometria, mecânica e astronomia, física e química e história natural. Ao longo do tempo, disciplinas vieram a ser incorporadas, seja em atendimento à parâmetros curriculares nacionais, seja por iniciativa de seus proprietários em busca de diversificação curricular.

⁸ Os dois estatutos que vieram a reger o Ginásio São José durante seus anos de funcionamento preconizavam todo um conjunto de normas e aspectos do cotidiano de seus alunos, indo de aspectos referentes a horários de saída e entrada, lazer, estudos e refeições, medidas disciplinares, vestimentas e roupas de cama e banho à medidas de saúde necessárias para o bom cuidado dos estudantes.

⁹ Ao longo dos anos de sua existência, o Ginásio São José veio a ofertar não somente a possibilidade de matrícula em regime de internato, como também de semi-internato e externato para seus estudantes. No que tange ao semi-internato, tratava-se de regime ao qual o estudante passaria o dias letivos inteiros em suas dependências, ali se alimentando, somente se retirando da instituição para o descanso noturno; quanto ao externato, o aluno assim matriculado somente viria a frequentar as aulas do educandário, sem lá permanecer para suas refeições. As matrículas também não deixavam de ser uma forma de seu proprietário de minorar o caráter potencialmente excludente de uma instituição que cobrava mensalidades: às famílias que matriculassem dois ou mais filhos, eram oferecidos descontos progressivos nas taxas a serem pagas pelas mesmas.

Seria numa rica mescla de vivências, entre as atividades dentro e fora de sala de aula, as brincadeiras e conversas com os novos amigos e os sonhos de perspectivas mais amplas de futuro que se formavam boa parte do cotidiano dos alunos do Ginásio São José.

Também importa notar um dado oriundo deste artigo, que incide sobre os tipos de atividades estimuladas pelo Ginásio ao longo de seu funcionamento: trata-se do fato de que o mesmo foi publicado no jornal *O Ginasiano*¹⁰, órgão de imprensa de seus estudantes fundado com o auxílio da direção da instituição no ano de 1917. Da leitura de suas páginas, é possível não só recuperar fragmentos do cotidiano do Ginásio São José do ponto de vista de seus alunos, como também teores dos conteúdos disseminados em sala de aula e debatidos em suas colunas e artigos, que ajudam a traçar uma perspectiva de ensino pautada pelo estímulo à aplicação destes saberes nos mais variados espaços e atividades.

Outro dado a atestar este estímulo do Ginásio São José à aplicação dos aprendizados obtidos em sala de aula em atividades não diretamente relacionadas ao cotidiano em classe é o de que este jornal era produzido pelo Grêmio Literário 13 de Maio, associação estudantil fundada em 1906 por iniciativa de José Januário Carneiro e parte dos professores que então compunham seu corpo docente. Mantido pelos estudantes, esta associação adotou seu nome em homenagem à data da abolição da escravidão no Brasil e sua importância histórica e simbólica. A relevância do Grêmio para o cotidiano dos alunos parece ter sido grande, dado que no segundo estatuto do Ginásio se encontra um pequeno tópico inteiramente dedicado a divulgar sua existência e descrever suas atividades (GINÁSIO SÃO JOSÉ, 1947, P. 6). Ao que parece, o Grêmio Literário 13 de Maio se constituiu com a intenção de servir de espaço tanto para o aprendizado dos alunos em literatura e humanidades por meio de atividades de mútuo auxílio quanto como forma de estreitamento dos laços sociais de convívio entre seus estudantes. Estas características parecem ser corroboradas pelo próprio ponto de vista dos alunos que vieram a frequentar o Grêmio, como demonstrado por um dos discursos proferidos por ocasião das solenidades em homenagem post mortem à José Januário Carneiro, onde é possível ler uma descrição de sua história de existência e funcionamento a partir de sua perspectiva:

¹⁰ O jornal *O Ginasiano* não foi o único órgão de imprensa estudantil do Ginásio São José: entre as décadas de 1930 e 1940 também veio a circular o jornal *O Miosotis*, da qual pouco foi possível inferir acerca de sua existência e de suas especificidades em meio à documentação consultada.

“Em 13 de maio de 1906, por iniciativa do Dr. José Januário Carneiro e sob a orientação de alguns professores, foi fundada essa associação, cujos fins, segundo rezam os seus Estatutos, são: ‘desenvolver moral e intelectualmente os sócios, comemorar as gloriosas datas da nossa História e homenagear a memória dos grandes literatos brasileiros’.

Desde então vem o Grêmio funcionando com regularidade e procurando preencher suas finalidades, realizando sessões ordinárias semanais em que os sócios, quer escalados pelo presidente, quer espontaneamente, se exercitam na tribuna, pronunciando discursos ou declamando poesias. Nas grandes datas nacionais se realizam sessões solenes e duas vezes por semana abre-se a Biblioteca para entrega de livros e recebimento dos que estavam em poder dos sócios.

São incontáveis as crianças que começaram timidamente a frequentar a tribuna do Grêmio, lendo pequenas composições corrigidas pelos professores ou declamando poesias que não podiam terminar por esquecerem o final, em consequência da emoção própria dos noviços. Muitas dessas crianças adquiriram perfeito domínio da tribuna e são hoje oradores de renome, altamente apreciados pelos auditórios mais cultos ou pelas multidões que acorrem aos comícios políticos.

(MOVIMENTO CULTURAL SÃO JOSÉ, 2005, P. 159).”

Sala de aula do Gymnásio São José – Início do século



Também é importante ressaltar que as atividades do Grêmio Literário 13 de Maio vieram a se transformar em um significativo aspecto da cidade de Ubá de então: diversas de suas sessões eram abertas aos habitantes locais, se tornando uma espécie de atração cultural a movimentar a rotina desta pequena cidade interiorana¹¹. Além disso, partiu dos estudantes que frequentaram o Grêmio a iniciativa de constituir em 1945 a Associação de Ex-Alunos do Ginásio São José, que deteve importante papel na defesa da reabertura do Ginásio quando de seu fechamento e na preservação de sua memória documental.

Para além do estímulo a tais atividades por seus estudantes em seus momentos livres, a leitura da documentação do Ginásio São José torna perceptível que, ao longo dos anos, José Januário Carneiro e as administrações que seguiram à frente da instituição após seu falecimento em 1943 procuraram efetuar todo um conjunto de investimentos em livros, equipamentos e mobiliários variados visando constantemente melhor qualificar seu ensino. Acerca deste processo de gradativa aquisição e adequação das instalações da instituição para diversificar seu ensino com o passar do tempo, o próprio Carneiro oferece um precioso fragmento dos recursos que utilizava nestas tarefas:

“Para o meu Ginásio São José, da cidade de Ubá, mandei vir um gabinete de física e um laboratório de química, por intermédio do dr. Augusto Barbosa, modesto e sábio professor e antigo diretor da famosa Escola de Minas de Ouro Preto, honra do Brasil no estrangeiro, ao mesmo tempo que vou colecionando plantas para o nosso gabinete de botânica. Entretanto, vejo, apesar de ser dos melhores, no dizer dos que me honram com suas visitas, que está longe de satisfazer às exigências do ensino dos alunos de modo eficiente e seguro para o completo desenvolvimento dos estudos adiantados nas escolas especiais e superiores (CARNEIRO, 1931, P. 131).”

¹¹ Na documentação consultada, se encontram diversas edições e recortes de notícias de jornais da região, muitos deles contendo anúncios e reportagens acerca das diversas atividades conduzidas pelo Grêmio Literário 13 de Maio. Neste conjunto documental, é comum encontrar referências a recitações de poesias, bailes, palestras e solenidades em homenagem a personalidades públicas ou datas festivas de importância nacional, tornando possível afirmar que tais atividades vieram a perfazer aspecto singular na vida cultural da cidade ao longo dos anos em que o Ginásio São José e seu Grêmio estudantil estiveram em funcionamento.

Deste breve relato fornecido por José Januário Carneiro, pode-se perceber que sua preocupação com o aperfeiçoamento do Ginásio São José o levava a adoção de diversas formas de aprimorar sua qualidade: desde a compra de livros muitas vezes importados à aquisição de equipamentos para gabinetes e laboratórios através de recursos próprios ou do educandário, indo até mesmo à lenta formação da coleção de botânica por meio de seus esforços em seu tempo livre ou durante suas viagens a trabalho. Também é relevante notar a importância que o aconselhamento de amigos e profissionais de seu conhecimento íntimo parecia vir a ajudar na escolha de eventuais aquisições para o Ginásio. Nesse sentido, é provável que o círculo de relações construído por Carneiro ao longo de sua vida tenha tido grande importância no contínuo aprimoramento da instituição: é possível inferir que parte dos equipamentos de laboratório e da biblioteca adquiridos pelo Ginásio se devam justamente às indicações ou mesmo doações provenientes de indivíduos pertencentes a estes círculos, a pais de alunos ou mesmo ex-alunos, ainda que não exista documentação que possa embasar conclusivamente tal afirmação. Em todos os casos, o mobiliário que se encontra no acervo atual do Museu São José parece dar testemunho de que a qualificação das instalações do Ginásio foi alvo de um contínuo esforço por parte de seus proprietários em dotar a instituição dos mais elevados patamares possíveis para a educação que ofertou enquanto existiu, seja durante a direção de Carneiro, seja nas direções que se sucederam após seu falecimento.

Todo esse diversificado esforço em melhorias curriculares, em docência e em equipamentos didáticos, paralelamente ao incentivo às atividades fora de sala de aula se traduziu, ao longo do tempo, em etapa importante na formação educacional de indivíduos que posteriormente vieram a seguir as mais variadas carreiras profissionais: não foram poucos os advogados, médicos, engenheiros, jornalistas ou farmacêuticos que tiveram alguns de seus primeiros ensinamentos nas salas de aula do Ginásio São José. Em alguns casos, estes indivíduos vieram a se tornar personalidades públicas de destaque nas áreas que vieram a atuar, como o jornalista Edmundo Lys e o compositor musical Ary Barroso.

Em certa medida, as carreiras seguidas por muitos de seus ex-alunos não deixam de ser um atestado das qualidades dimensões de um aprendizado recebido no Ginásio São José que, para além dos conteúdos das disciplinas de seu currículo, veio a se traduzir em lições portadas por seus alunos para serem usadas durante suas vidas como um todo.



Alunos durante aula de educação física com Gymnasio São José aos fundos – início do século XX

O ENCERRAMENTO DAS ATIVIDADES DO GINÁSIO SÃO JOSÉ E SEU LEGADO

As circunstâncias que forçaram os proprietários do Ginásio São José ao encerramento de suas atividades no ano de 1964 se formaram a partir de um conjunto de fatores referentes à sua subsistência que parecem ter sido preponderantes nesta decisão.

Neste aspecto, primeiramente, nota-se que, ao longo de sua existência, o Ginásio São José parece nunca ter conseguido obter uma autossuficiência e estabilidade financeira plena. Diante deste quadro, uma das formas encontradas por seus proprietários de minorar seus eventuais prejuízos em suas primeiras três décadas de funcionamento provinha da realocação de recursos originários da lavoura da Fazenda Boa Esperança, expediente assim relatado por José Januário Carneiro:

“Fechando-se o Ginásio de Cataguases, fundei ali um estabelecimento filial ao Ginásio São José. É hoje muito próspero, e entretanto o Ginásio São José luta com dificuldade e, se ainda existe, é que seu proprietário consagra intenso amor à educação e instrução, e tantos prejuízos tem sofrido, que, se não o fundasse no centro de sua fazenda – que muito o auxilia – te-lo-ia certamente fechado (CARNEIRO, 1931, P. 27).”

Este breve fragmento evidencia não só a relação de relativa dependência mantida pelo Ginásio para com a fazenda para sua própria sobrevivência, como também o fato de que José Januário Carneiro fazia uso dos rendimentos obtidos a partir de seu trabalho em outras instituições educacionais em favor de seu educandário. Outro expediente comum nestes anos parece ter sido a obtenção de empréstimos bancários por seu fundador, dado que na documentação consultada existe um conjunto de correspondências com instituições deste tipo, ainda que tal informação não possa ser afirmada de maneira conclusiva. Importa notar que tais expedientes parecem ter sido a forma encontrada pelos proprietários do Ginásio São José de se desvencilhar do fato de que, ao menos em suas primeiras décadas de funcionamento, a instituição não ter contado com nenhum tipo de recurso proveniente dos poderes públicos para a prestação de seus serviços, o que se tornou fonte de eventuais críticas e reivindicações de seus apoiadores divulgadas na imprensa regional ao longo dos anos.

Atestando a questão da autossuficiência como fundamental no entendimento dos motivos do encerramento de suas atividades, também é importante considerar as dimensões específicas de sua principal fonte de recursos próprios, as mensalidades de seus estudantes: principalmente a partir dos anos 1940, o Ginásio São José contou com uma variação relativamente significativa no quadro numérico de alunos matriculados ano a ano, o que pode ter contribuído para uma situação de instabilidade financeira crônica¹².

Diante deste quadro, não foram poucas as tentativas por parte de seus administradores e ex-alunos de buscar formas de tornar sustentável o Ginásio São José, principalmente a partir da década de 1950.

Da parte dos administradores, é possível perceber a partir da leitura da documentação existente que os mesmos buscaram, a partir de 1956, a obtenção de recursos públicos por meio do Fundo Nacional do Ensino Médio, como forma de dotar o Ginásio de maior estabilidade financeira; ainda que obtidos tais recursos, os mesmos parecem ter sido não só insuficientes, como também detinham o problema de eventualmente serem repassados atrasadamente. No que tange aos ex-alunos, é digna de nota a iniciativa de sua Associação de tentar a estatização do Ginásio São José sob a forma de instituição técnica de ensino de caráter agro-industrial: iniciada entre fins dos anos 1950 e início dos anos 1960 e capitaneada por José de Alencar Carneiro Viana¹³, esta iniciativa parece ter sido o meio encontrado de não só assegurar a continuidade de sua existência como igualmente de satisfazer a vontade de seu fundador de ver um dia seu educandário transformado em instituto educacional técnico agrícola. Aparentemente, nenhuma das duas iniciativas deu resultado, dado que, em 1965, vieram a ser publicadas nos jornais da região notícias como a transcrita abaixo, referente ao encerramento das atividades do Ginásio São José:

¹² Em levantamento realizado em 1996 pela Prefeitura Municipal de Ubá nos registros existentes acerca do Ginásio São José nos arquivos da 38ª Superintendência Regional de Ensino permitem perceber que, ainda que em média, a instituição contasse a cada ano com cerca de 70 a 100 alunos, não raramente este número vinha a oscilar abruptamente na passagem de um ano a outro.

¹³ A proposta redigida por José de Alencar Carneiro Viana se intitulava “Razões e Sugestões para a Transformação do Ginásio São José, de Ubá, em Ginásio Industrial ou Agrícola e Industrial” e foi originariamente proferida em solenidade em homenagem póstuma a José Januário Carneiro promovida pela Associação de Ex-Estudantes do Ginásio São José no início dos anos 1960. Por diversas oportunidades, integrantes da Associação ou o próprio José de Alencar Carneiro Viana vieram a divulgar o mesmo ou o enviar para integrantes dos poderes públicos como forma de sensibilizá-los para sua demanda, sem sucesso. A íntegra deste documento se encontra em meio à documentação que forma o acervo do Museu Ginásio São José.

“A PÁGINA QUE NÃO GOSTARIA DE ESCREVER

... E o Ginásio São José (Ubá) acabou.

Acabou triste, melancólico. Diria que caiu de pé ou quedou-se sob os anos de labor incansável que somam gerações.

Fecharam-se as portas paradacentas e surradas, pelos anos. Velhas dobradiças rangem os últimos gritos de desespero, ante tamanha barbaridade.

As salas estão desertas. O ‘Repouso’, ironicamente, condiz agora com o triste espetáculo. Nem ele se regozija. Nunca mais sentirá quebrar seu respeitado silêncio por tantos, desde Ari Barroso, talvez, a Paulo Barreto. João Salgado não brinca mais com Zé Padre e nem Paulo Egberto T. Castro não desenha mais em horas proibidas e torna-se famoso um dia por isso mesmo.

Silêncio. Só o silêncio se fez sentir. O calor da ‘Senegâmbia’ ou o frio da ‘Sibéria’, nada mais importa. O esqueleto do ‘Laboratório’, este sim, sorri ante aquilo que faltava para completar seu funesto aspecto. Os dormitórios mais se assemelham a hospital em tempos de guerra: a tristeza não deixa um só canto sem se fazer presente. José Caputo Moreira não estuda mais à luz de lanternas nem Mendes Magalhães e eu fugimos mais para a cozinha, lá pelas tantas, a pretexto de um lanche extra.

Ninguém mais cantará, ao fim de cada ano, o ‘Quem Parte Leva’. Nem Vevê cantará mais boleros e Mosquito tocará mais gaita no ‘Recreio’.

Acabaram-se as saudosas sessões do Grêmio Literário 13 de Maio, com as polêmicas inflamadas de seus associados, participando inesquecíveis colegas, como José Queiroz Pereira, Benedito Fernandes, Alaoremos, Ítalo Brandi e outros.

Agora só vai ficar a amarga saudade. Nem lá poderemos ir algum dia, como nas datas magnas, para rever colega tão distante e tão saudoso.

Fecha-se, para muitos, a casa de imensas virtudes, de imensas tradições e, acima de tudo, de um passado tão cheio de glórias que não cabe na realidade do presente.

Calam-se também em espírito para nós, o Sr. Honorico, Pe. Luiz, Dr. Newton, Campomizzi Filho, Ubirajara e outros tantos inesquecíveis mestres.

Somente se ouve do velho sino, que foi meu degrau de estudante pobre, os últimos acordes fúnebres da incompreensão dos homens, selando por completo um passado cheio de ternura, de glórias, de conquistas, de amor.

Jobert Pereira Rocha (DIÁRIO DE CATAGUASES, 1/5/1965)”



O encerramento das atividades do Ginásio não veio a significar, entretanto, o fim das iniciativas em favor de sua reabertura por parte de seus simpatizantes. Principalmente após a aprovação da Lei nº 3963/65 em fins de 1965 (DIÁRIO OFICIAL DO ESTADO DE MINAS GERAIS, 3/5/1965, P.3), a partir de projeto enviado à Assembleia Legislativa do Estado de Minas Gerais pelo deputado estadual Mario Hugo Lacerda, que preconizava justamente a estatização do Ginásio São José e sua transformação em instituto técnico agroindustrial, a Associação de Ex-Alunos do Ginásio São José construiu uma campanha em favor da efetivação desta legislação pelo Governo do Estado, pautada principalmente por artigos publicados na imprensa como este:

“NÃO PERMITA, SR. GOVERNADOR

No dia 25 de janeiro passado, uma comissão de ex-alunos do também ex-Ginásio São José, de Ubá, endereçou ao Governador Israel Pinheiro um memorial que consubstancia comovente apelo. Tão comovente que, acreditamos, haja mesmo comovido o Governador, se ele teve o tempo necessário para ler o documento na íntegra.

Esse Ginásio São José, tradicionalíssimo em toda a Zona da Mata, foi fundado em 1905 e encerrou suas atividades em 1964, compelido por dificuldades diversas. Seu fundador, figura quase que legendária como emérito educador – José Januário Carneiro, mais conhecido pelo cognome de Dr. Fécas – foi responsável pelo encaminhamento de gerações e gerações de mineiros ilustres, tendo sido inclusive professor do próprio Sr. Israel Pinheiro na Escola de Minas de Ouro Preto.

Mas as dificuldades levaram o Ginásio São José a paralisar o seu glorioso papel de formar e orientar a juventude. E, como é lógico, aqueles que lhe conheceram de perto os ensinamentos, aqueles que assistiram de longe ou de perto a sua titânica luta pela sobrevivência, que se tornou impossível a partir de 1964, passaram a sofrer de incontrolável angústia com o seu desaparecimento. Angústia que se nutria e se nutre na memória de José Januário Carneiro, alcunhado de ‘Mr. Chips Brasileiro’, bem como nos desmedidos esforços de Newton Carneiro, seu filho, visando perpetuar a obra educacional plantada em 1905.

Na verdade, essa angústia é bem anterior ao fechamento do educandário. Germinou quando começaram a surgir os primeiros sintomas de que seria difícil ao São José, como estabelecimento tradicional e assentado em alicerces de um idealismo vigorosamente puro, suportar os pesados ônus dos novos tempos. O fim do São José tornou-se inevitável.

Entretanto, a abnegação dos ex-alunos ganhou dimensões a ponto de, em 1965, a Assembleia Legislativa aprovar um projeto de autoria do Deputado Mario Hugo Ladeira, autorizando o Governo do Estado a adquirir o patrimônio do antigo Ginásio São José para nele instalar o Colégio Agrícola 'Dr. Fécas'. E o projeto foi transformado na Lei 3963, sancionada pelo ex-Governador Magalhães Pinto.

No memorial ao Governador Israel Pinheiro, a comissão de ex-alunos faz o histórico do Ginásio São José, citando inclusive frase de João Pinheiro em 1903, em carta ao Dr. Fécas, na qual, referindo-se à criação de estabelecimento de ensino técnico-agrícola, afirmava: 'É minha opinião que, pela conveniência tua e proveito do Estado, a tentativa se faça na tua própria Fazenda Boa Esperança'.

Pois bem. Que desejam os ex-alunos do Ginásio São José? Apenas que o Governador Israel Pinheiro dê cumprimento à Lei 3963 e faça implantar na 'Fazenda Boa Esperança' um estabelecimento de ensino agrícola ou agro-industrial. Será a desejada perpetuação da magnífica obra educacional iniciada por José Januário Carneiro, o Dr. Fécas, e reconhecida e prestigiada por João Pinheiro. Razão porque o memorial destaca que, como ex-aluno do primeiro e filho do segundo, o Governador Israel Pinheiro 'é especialmente indicado para saldar tal dívida, fazendo cumprir a Lei'.

É extraordinariamente belo o grito de alerta que os signatários do memorial leva ao Sr. Israel Pinheiro. Grito que visa ao aperfeiçoamento do ensino por gente já ensinada, civilizada e desprendida, cujo interesse maior é a projeção no tempo e no espaço de uma missão educacional começada no início do século.

E é com entusiasmo que redigimos este comentário. E, para encerrá-lo, mais oportunas do que nossas são as palavras do Dr. Cândido Martins de Oliveira, desembargador aposentado e ex-Secretário do Interior; do Dr. José de

Alencar Carneiro Viana, professor catedrático e ex-Secretário da Agricultura; do jornalista e economista Silvio Guimarães Reis, do Dr. Christiano Teixeira Santos, ex-Diretor do Departamento de Administração da PBH, signatários do memorial de 25 de janeiro ao Governador do Estado, quando insistem:

'Não permita, Sr. Governador, que este apelo, feito com um misto de angústia e esperança, se afogue em águas burocráticas; pelo contrário, que ele efetivamente conte com a sensibilidade, a ação e a urgência que os assuntos sérios requerem'.

Não permita, Sr. Governador (O DIÁRIO, 9/2/1967, P. 3)."

Nem o apoio da imprensa e de personalidades públicas à causa levantada pela Associação, nem o argumento acerca do histórico de relações pessoais do governador Israel Pinheiro e de sua família com José Januário Carneiro foram suficientes para que este tomasse medidas em favor da materialização

das disposições existentes na Lei 3963 de 1965: seu mandato se encerrou em 1971, sem nenhuma atitude concreta no sentido de tornar realidade aquilo que se encontrava previsto nesta legislação. O insucesso desta campanha teve por consequência um gradativo rareamento das manifestações públicas em favor desta causa levantada pela Associação a partir do início dos anos 1970, ainda que esporadicamente alguns dos ex-alunos e ex-integrantes do corpo docente do Ginásio São José tenham movido esforços no sentido de reativar os apelos no sentido de que a Lei 3963/65 se tornasse realidade¹⁴. Ainda que entre os anos 1970 e 1980, o prédio que serviu ao Ginásio São José tenha sido utilizado como lugar de funcionamento de uma instituição educacional municipal, este estabelecimento não parece ter detido qualquer relação com a vontade de José Januário Carneiro de ver seu educandário transformado em escola de ensino técnico agrícola ou com os dispositivos determinados pela legislação estadual aprovada em 1965.

Da década de 1970 em diante, a Associação de Ex-Alunos do Ginásio São José continuou a promover encontros esporádicos entre seus membros como forma de reencontrar antigos colegas, relembrar momentos de seu mútuo convívio nas dependências do velho educandário e prestar homenagens à instituição e à obra e o legado plantado e florescido em Ubá a partir dos esforços dedicados ao longo da vida inteira por José Januário Carneiro e seus discípulos no sentido de possibilitar à várias gerações de jovens nascidos na região da Zona da Mata mineira perspectivas de um futuro melhor a ser obtido através dos saberes apreendidos nas salas de aula do Ginásio São José. A partir destes anos, a Associação veio a travar suas batalhas em favor da memória do velho educandário de Ubá contando com poucos e inestimáveis simpatizantes de sua causa que não faziam parte de seus quadros.

¹⁴ Em meio ao acervo documental existente no Museu São José se encontram diversos recortes de notícias de jornais da época com matérias concernentes a esta campanha conduzida pela Associação de Ex-Alunos do Ginásio São José, que, agrupadas, formam possivelmente a maior parte das manifestações públicas de seus membros em favor da reivindicação de materialização dos dispositivos desta Lei. A consulta a esta documentação permite afirmar que o início da década de 1970 representa o marco final desta campanha, ainda que, esporadicamente em período posterior, indivíduos integrantes da Associação como José de Alencar Carneiro Viana tenham tentado sem sucesso obter a execução do que estava previsto nesta legislação.

Dentre aqueles não ligados à Associação de Ex-Alunos do Ginásio São José que se destacaram na luta em favor do velho educandário ubaense e de sua memória ao longo das últimas décadas, a figura de uma das filhas de José Januário Carneiro, Altair Paixão Carneiro, merece uma menção especial. Veio de seu zelo e de sua preocupação inicialmente quase que solitária pelo sobrado que um dia serviu de sede à Fazenda Boa Esperança e ao Ginásio São José, pelos livros, equipamentos e documentos ali guardados e carinhosa e pacientemente organizados por suas mãos a possibilidade de ainda hoje poder se retrair muitos dos aspectos desta instituição e de sua história. Também foi fruto de sua iniciativa e de seus incontáveis esforços que veio a ser fundado, em 1993, o Movimento Cultural São José (CARNEIRO, 2006, P. 9), associação inteiramente dedicada à preservação da memória do Ginásio São José e à revitalização de seu espaço para Ubá e seus habitantes. Dentre as conquistas obtidas pelo Movimento, se encontram: o tombamento do prédio que serviu de sede à Fazenda Boa Esperança e ao Ginásio São José como Patrimônio Histórico Municipal em 1997, a restauração desta edificação em procedimento de intervenção arquitetônica que contou com o auxílio do Instituto Estadual do Patrimônio Histórico e Artístico de Minas Gerais em 1999 e a transformação de seu espaço em centro cultural promovendo atividades e oficinas culturais variadas a partir dos anos 2000.

Das iniciativas conduzidas pelo Movimento Cultural São José ou dos periódicos encontros realizados pela Associação de Ex-Alunos do Ginásio São José ao longo das últimas décadas, muito se fez em rememorar ao nome de José Januário Carneiro, seu pioneirismo e seu legado educacional, seja na fundação do Ginásio São José, seja na inspiração ou nos auxílios que este velho educador prestou para a construção de diversos educandários que vieram a existir posteriormente ao longo do século XX na Zona da Mata do Estado de Minas Gerais. Se, de um lado, pode-se dizer que estes ex-alunos e seus descendentes falharam em sua missão de transformar em realidade o sonho do Doutor Fécas de ver na fazenda de sua família um instituto técnico educacional voltado às necessidades da comunidade ubaense e sua agricultura, de outro, é inquestionável ressaltar e reverenciar o fato de que, em suas ações, estas pessoas ajudaram em muito a manter acesa a chama que tornou possível, nos dias atuais, fazer do prédio que outrora servia ao Ginásio o Museu Ginásio São José, da cidade de Ubá.



UMA ODE AO MUSEU

Museus podem ser castelos, casarões, salas, ecossistemas, ruas, jardins ou festivais. Museus são locais onde se cultiva o bem mais precioso de um povo: a memória. São espaços nos quais a humanidade cultua sua humanidade, preserva sua identidade e (re)descobre o que foi, sintetizando o que é e refletindo sobre o que poderá ser. Sem museus seríamos menos. Menos sábios, menos poéticos, menos encantados, menos felizes, menos enigmáticos, menos humanos. Nossa cultura criou a instituição museu porque dela precisa, porque sem os museus seria ainda menos estável. Museus são, acima de tudo, pessoas. Pessoas guardam, pessoas colecionam, pessoas preservam, pessoas pesquisam, pessoas expõe, pessoas visitam, pessoas aprendem, pessoas tornam-se mais pessoas e menos coisas, quando descobrem que coisas contam muito mais sobre pessoas do que se poderia imaginar. Pessoas fizeram história e pessoas contam histórias por meio dos museus. Neste museu queremos contar uma história cujos fios de sua intrincada trama são várias outras histórias. Histórias de vidas esquecidas, histórias de mortes lembradas, histórias de amores por aquilo que se deveria amar acima de todas as coisas: pessoas. Relembrar o que foi e deixou de ser faz com que se continue, de alguma forma, sendo e, portanto, existindo. Queremos contar a história de um homem que sonhou em fazer uma escola. Que realizou seu sonho e, por mais de cinco décadas, tornou pessoas mais pessoas por meio da potência criadora de sua pessoa. Neste lugar, jovens cresceram, meninos tornaram-se homens sob a vista das paredes erigidas com argamassa cuja liga foi dada por sangue e suor de humanos escravizados. Cada tronco de árvore é testemunha silente da história que grita de cada objeto.





Durante anos a equipe de curadores e profissionais do Museu Ginásio São José dedicou-se a dar voz aos objetos que contam uma saga. Este lugar quase encantado tocou incontáveis vidas de imponderáveis formas. Cada peça desta coleção: livros, microscópios, rochas, herbários, vidrarias e aparelhos, foi tocado por dedos que já não mais tocam, por dedos daqueles tocados pelo conhecimento do magistral professor. Hoje queremos tocar os olhos de quem busca, em cada peça, um retalho do quebra-cabeças da história que se esvai e que teimamos em retê-la. Além da história a ser contada, é uma missão precípua deste museu promover (trans)form(ações). O visitante, quando passa pelas exposições transforma-se em curador, e, por meio de ações, forma-se e transforma realidades interiores e exteriores. Educar pela ação, para que se construam tessituras de amor ao passado, impregnação do presente efêmero e esperança no futuro. Acreditamos que se uma criança, de todas que pisarem aqui, tornar-se uma pessoa que entenda o quão precioso é o patrimônio material e imaterial para fazer-nos humanos, a missão estará cumprida. Aprender ciências é somente uma das formas de desenvolvermos consciências críticas para mal que há no mundo, guerreiros contra a injustiça social, jardineiros do planeta Terra e monges da lucidez. Sensibilizar pela arte, educar pela pesquisa e humanizar pelo amor é a grande missão deste museu e, portanto, seu maior desafio. Caberá a quem quiser entrar neste mundo, a inesquecível viagem pelo tempo que não passa dentro das paredes grossas de pau a pique, sob as velhas telhas de barro e ao som da valsa regida pelos insetos e pelas aves que vigiam cada um que vive imerso nesta história que recomeça a cada instante.

Paris, 14 de abril de 1924

(Rue Monge 3 - Saint Germain - Inscrit n: 5)

Victor Carneiro

ÉTUDES

sur

LA NATURE HUMAINE



ACERVO DO LABORATÓRIO DE FÍSICA, QUÍMICA E CIÊNCIAS NATURAIS

“Todas las ciencias pueden someterse a la ley del experimento. La idea adquirida con la concurrencia de dos o más sentidos se grava más profundamente en la memoria que la que se nos comunica por uno solo. De aquí nace la necesidad de gabinetes y colecciones de instrumentos, de máquinas, aparatos y objetos para facilitar el estudio porque en efecto no hay verdad que no pueda hacerse palpable por medios materiales que hieran nuestros sentidos”. (Julián Pérez y Muro, Memorias de 1862, Pag. 21 – Museo Coloma).

O **G**ymnásio São José iniciou suas atividades em 1905 como instituição de ensino secundarista. Neste período adquiriu-se as primeiras peças das coleções de aparelhos e objetos didáticos para o ensino dos alunos. O fundador do Gymnasio, Prof. José Januário Carneiro, havia dirigido o Colégio Mineiro, em Ouro Preto, durante as últimas décadas do século XIX, e acredita-se que algumas peças que fazem parte do acervo didático do Ginásio São José possam ter sido doadas por esta instituição, já que boa parte delas data ainda do século XIX. Outras, possivelmente foram adquiridas no início do século XX e ainda trazidas da França pelo filho do fundador, Victor Carneiro, que cursou medicina veterinária em Paris, na década de 20. Por esta época era comum que as instituições de ensino instalassem laboratórios de física e química, história natural, mineralogia, herbários e também mantivessem coleções de produtos, modelos de máquinas, aparelhos didáticos e ferramentas. Existia a ideia de que o século em que viviam era uma época de aplicação e prática, e portanto os métodos experimentais eram os mais adequados para o aprendizado.

O processo de organização e higienização deste acervo foi demorado e demandou longa pesquisa, em livros didáticos do acervo, catálogos dos fabricantes, documentos de época e em outras instituições internacionais, com acervo semelhante, para identificar as mesmas, suas finalidades e usos. Boa parte destes aparelhos são hoje obsoletos, e além disso estavam desmontados. O processo de identificação

e recomposição destas peças foi longo. Bem como o processo de levantamento de dados sobre os mesmos. A partir desta investigação e da montagem e organização destes objetos que construímos as salas expositivas, e compartilhamos neste catálogo alguns resultados de nossas investigações. Esperamos que a exposição do acervo possa contribuir para a compreensão da evolução dos estudos de Química, Física e Ciências Naturais ao longo do tempo, e ainda, trabalhar com estudantes no Museu da Natureza, cuja proposta é a de que alunos das escolas visitantes se tornem protagonistas de seu aprendizado. Os resultados destes esforços serão compartilhados com nossos visitantes, e esperamos que este acervo sirva para enriquecer o aprendizado e estimular professores e jovens alunos durante as atividades de extensão no Museu. Com este trabalho buscamos contribuir para uma didática viva.

O acervo do Museu Ginásio São José é composto por vidrarias para experimentos diversos e reações químicas, peças de cerâmica e metais, aparelhos para experimentos de óptica e física pertencentes aos antigos laboratórios do Ginásio São José. Parte significativa das peças importadas não se fabrica mais, porém, estão em bom estado de conservação. No total foram levantadas aproximadamente 234 peças; divididas segundo os 6 grupos previamente identificados na etapa de organização: 1) *Laboratório Física e Química*; 2) *Acervo de Mineralogia*; 3) *Coleção Herbário*; 4) *Coleção Aves Taxidermizadas*; 5) *Coleção de Répteis* e 6) *Coleção de Ciências Naturais*. As peças em exposição foram catalogadas, e algumas delas, serão apresentadas a seguir.

CATÁLOGO DE ACERVO DO
MUSEU GINÁSIO SÃO JOSÉ
LABORATÓRIOS DE FÍSICA,
QUÍMICA E CIÊNCIAS NATURAIS



Nome da Instituição: Museu Ginásio São José

Nome do Objeto: Experimento Científico –
Preparação da Água de Cloro

Peças De Vidro: Frasco de Wolf, tubos conectores, copo cônico de experimentações, balão volumétrico.

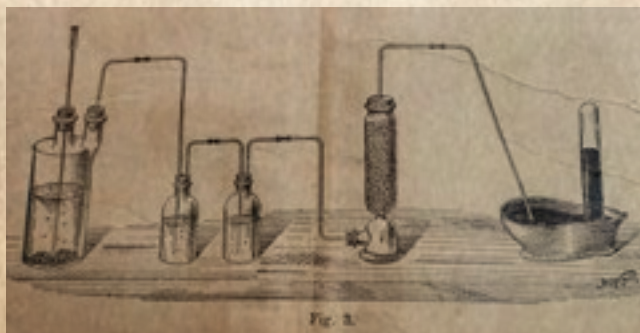
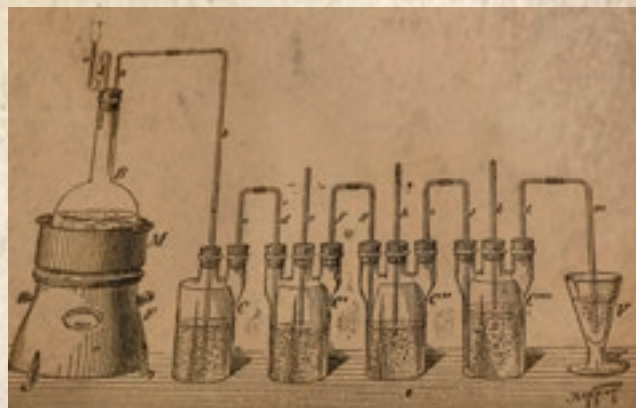
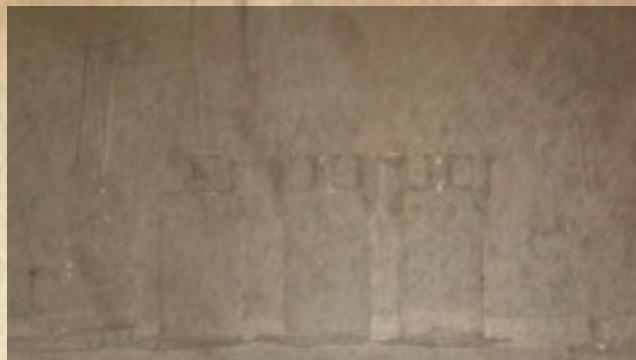
Descrição: Experimento científico para fazer água potável. Cloração é o processo de adição de cloro potável. Cloração é o processo de adição de cloro (Cl_2) à água como um método de purificação de água para torná-la apto ao consumo humano como água potável. A filtração e a cloração da água diminuem significativamente a carga de micróbios.

Material/Técnica: Peça de vidro

Data: Sec XIX. - Entre 1882 e 1925

Origem: França

Referências Bibliográficas: THIERRY, Le D. Maurice. *Atlas de Manipulations de Chimie*. Faculte de Médecine de Paris. Ed. Paul Rousseau & Cie Éditeurs. Paris, 1890.



Nome da Instituição: Museu Ginásio São José

Nome do Objeto: Experimento Científico -
Purificação do Hidrogênio

Peças: Frasco de Vidro, tubos conectores, proveta de ressecamento, tubo de ensaio, cuba de porcelana.

Categoria: Laboratório de Física e Química (LFQ)

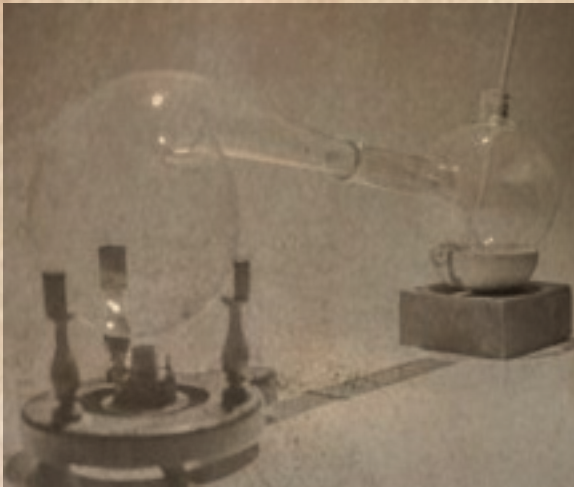
Descrição: O hidrogênio tende a ser encontrado na natureza associado a outros elementos químicos, como água ou hidrocarbonetos. Esta experiência é um processo específico para sua obtenção.

Material/Técnica: Vidro e porcelana.

Data: Séc. XIX. - Entre 1882 e 1925.

Origem: França

Modelo: THIERRY, Le D. Maurice. *Atlas de Manipulations de Chimie*. Faculte de Médecine de Paris. Ed. Paul Rousseau & Cie Éditeurs. Paris, 1890.



Nome da Instituição: Museu Ginásio São José

Nome do Objeto: Experimento Científico -

Aparelho Destilador

Peças: Retorta, balão volumétrico com fundo redondo, tubo conector, bico de bunsen, suportes.

Categoria: Laboratório de Física e Química (LFQ)

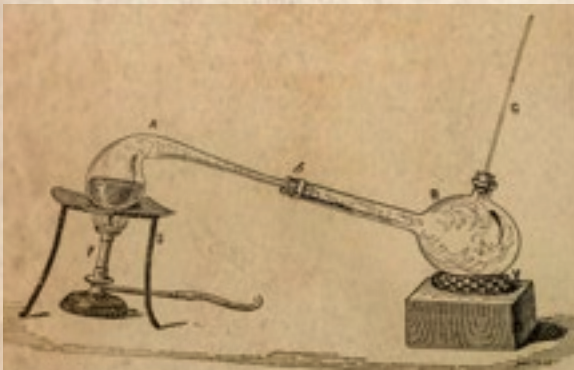
Descrição: Aparelho destilador é um equipamento de laboratório responsável pela destilação da água para procedimentos laboratoriais.

Material/Técnica: Peça de vidro, cerâmica e madeira.

Data: Sec XIX. - Entre 1882 e 1925.

Origem: França

Modelo: THIERRY, Le D. Maurice. *Atlas de Manipulations de Chimie*. Faculte de Médecine de Paris. Ed. Paul Rousseau & Cie Éditeurs. Paris, 1890.



Nome da Instituição: Museu Ginásio São José

Nome do Objeto: Radiômetro – Moinho de Luz

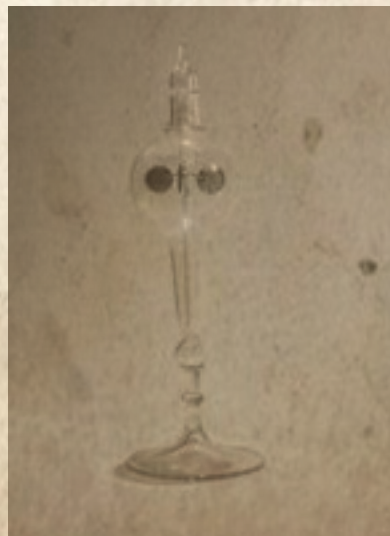
Categoria: Laboratório de Física e Química (LFQ)

Descrição: Um radiômetro manifesta a energia da radiação solar, e é capaz também de medir a velocidade da luz.

Material/Técnica: Peça de vidro e metal.

Data: Sec XIX. - Entre 1882 e 1925.

Origem: França



Nome da Instituição: Museu Ginásio São José

Nome do Objeto: Termômetro de Mercúrio
na escala Celsius – Centígrados

Categoria: Laboratório de Física e Química (LFQ)

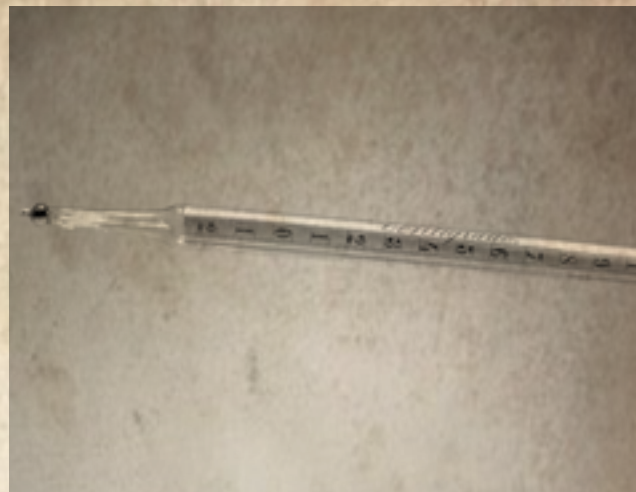
Descrição: Termômetro de vidro no formato cilíndrico,
com espessura mais larga e um papel no interior do
tubo com as marcações dos centímetros. O grau Celsius
(símbolo: °C) designa a unidade de temperatura.

Material/Técnica: Peça de vidro, madeira e metal.

Dimensões: Altura 30 cm – Largura 02 cm.

Data: Sec XIX. - Entre 1882 e 1925.

Origem: França



Nome da Instituição: Museu Ginásio São José

Nome do Objeto: Areômetro Baume 15° - densímetro

Categoria: Laboratório de Física e Química (LFQ)

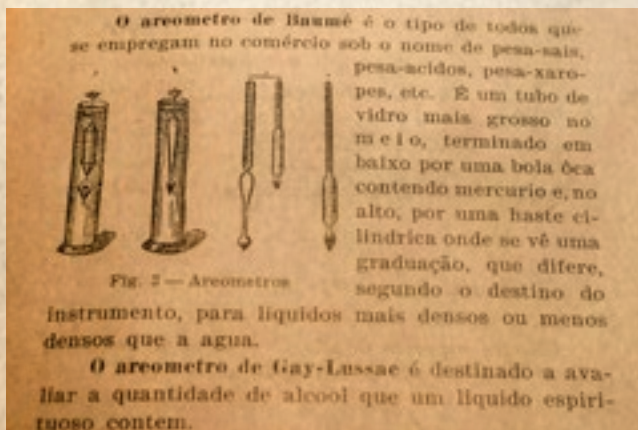
Descrição: Tubo cilíndrico de vidro com uma extremidade
em formato de gota, com bolinhas de chumbo, seu elemento
de equilíbrio, seladas com algodão. Aparelho didático que
ensinava aos alunos questões como flutuação, densidade,
gravidade, empuxo, fazendo-se experimentos com
densímetros mergulhados em diversos líquidos.

Material/Técnica: Peça de vidro, papel e bolas de chumbo.

Dimensões: Altura 21 cm – Largura 02 cm

Data: Entre 1890 a 1920

Origem: França





Nome da Instituição: Museu Ginásio São José

Nome do Objeto: Aparelho DE HALDAT

Categoria: Laboratório de Física e Química (LFQ)

Descrição: Estrutura de madeira com cinco tubos de vidro presos em estrutura de metal. Para demonstrar o paradoxo hidrostático e o Princípio de Pascal.

Material/Técnica: Peças de vidro ajustadas numa base de metal e madeira.

Dimensões: Altura 55 cm – Largura 34 cm.

Data: Sec XIX. - Entre 1882 e 1925.

Origem: França

Nome da Instituição: Museu Ginásio São José

Nome do Objeto: Microscópio óptico -
tipo Nacet - com espelho.

Categoria: Laboratório de Física e
Química (LFQ)

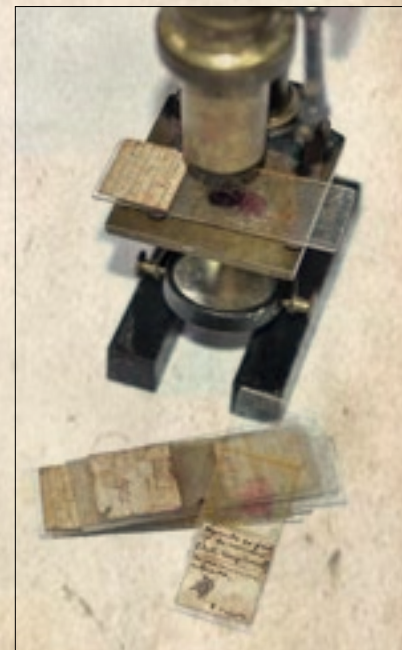
Descrição: Microscópio de modelo pequeno,
fabricado pela empresa do ótico parisiense
Camille Sebastien Nacet (1799 -1881),
considerado um dos melhores da França.
Muito difundido por médicos e estudantes
de ciências humanas, pertenceu ao médico
veterinário e cientista
brasileiro Victor Carneiro.

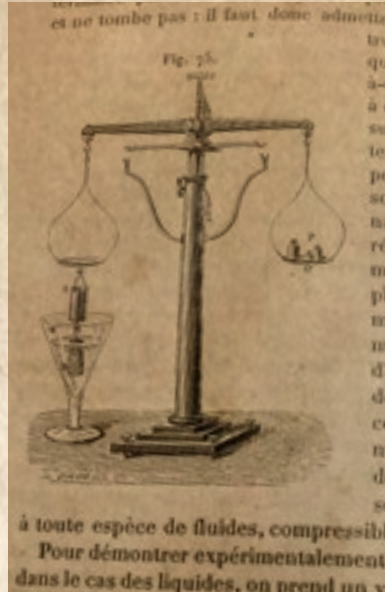
Material/Técnica: Peça de metal e
madeira e vidro.

Dimensões: Altura 30 cm – Largura 13 cm.

Data: Sec XIX. - Entre 1870 e 1925.

Origem: França





Nome da Instituição: Museu Ginásio São José

Nome do Objeto: Balança de Precisão

Categoria: Laboratório de Física e Química (LFQ)

Descrição: Estrutura de latão com dois pratos. Balança utilizada para pesar aparelhos e material para laboratórios químicos e clínicos e produtos químicos puros.

Material/Técnica: Peça de metal.

Dimensões: Altura 50 cm – Largura 40 cm.

Data: Sec XIX. - Entre 1882 e 1925.

Origem: França

Nome da Instituição: Museu Ginásio São José

Nome do Objeto: Lâmpião Petromax

Categoria: Laboratório de Física e Química (LFQ)

Descrição: Lâmpião a querosene e pressão.

Material/Técnica: Peça de aço.

Dimensões: Altura 33 cm – Largura 14 cm.

Data: Início do século XX.

Origem: Alemanha



Nome da Instituição: Museu Ginásio São José

Nome do Objeto: Hemisférios de Magdeburgo

Categoria: Laboratório de Física e Química (LFQ)

Descrição: Consiste em duas abóbadas metálicas ocas, de forma hemisférica que se ajustam uma com a outra formando uma esfera. Do interior se extrai o ar com uma máquina pneumática (uma bomba de vácuo), provocando um vácuo. Utilizado para demonstrar a pressão atmosférica.

Material/Técnica: Peça de metal.

Dimensões: Altura 22 cm – Largura 07 cm.

Data: Sec XIX. - Entre 1882 e 1925.

Origem: França



Nome da Instituição: Museu Ginásio São José

Nome do Objeto: Anel de Gravesande

Categoria: Laboratório de Física e Química (LFQ)

Descrição: Utilizada para demonstrar a dilatação de volumes sólidos. O aparelho consiste num anel metálico pelo qual pode passar uma esfera do mesmo metal que está suspensa por uma corrente presa a um suporte vertical. Quando a esfera é aquecida ela não consegue mais passar pelo anel. Instrumento que permite o estudo da dilatação e contração de corpos por variação de temperatura.

Material/Técnica: Peça de metal.

Dimensões: Altura 30 cm – Largura 18 cm.

Data: Sec XIX. - Entre 1882 e 1925.

Origem: França



Nome da Instituição: Museu Ginásio São José

Nome do Objeto: Caixa de Reagentes

Categoria: Laboratório de Física e Química (LFQ)

Descrição: Caixa de madeira com 24 vidros de reagentes diversos (originais).

Material/Técnica: peça de madeira com vidros.

Dimensões: Altura 30 cm – Largura 27 cm.

Data: Sec XIX. - Entre 1882 e 1925.

Origem: França

Nome da Instituição: Museu Ginásio São José

Nome do Objeto: Modelo Astronômico - com uso de vela (Sol).

Categoria: Laboratório de Física e Química (LFQ)

Descrição: Aparelho contendo um globo terrestre, uma lua e um local para colocar uma vela de forma a simular os movimentos terrestres e do sol. Aparelho didático para estudar os movimentos de rotação e translação da Terra.

Material/Técnica: Peça de metal e papel.

Dimensões: Altura 25 cm – Largura 40 cm.

Data: Sec XIX. - Entre 1882 e 1925.

Origem: França



Nome da Instituição: Museu Ginásio São José

Nome do Objeto: Almofariz de porcelana com Pistilo.

Categoria: Laboratório de Física e Química (LFQ)

Descrição: Vasilhame de porcelana e pistilo de madeira com ponta de porcelana. Serve para fazer masseração, triturar e pulverizar sólidos com ajuda do pistilo (ficha 69).

Material/Técnica: Peça de porcelana.

Dimensões: Altura 12 cm – Largura 21 cm.

Data: Sec XIX. - Entre 1882 e 1925.

Origem: França



Nome da Instituição: Museu Ginásio São José

Nome do Objeto: Mesa de Laboratório.

Categoria: Laboratório de Física e Química (LFQ)

Descrição: Mesa de madeira com pés de resina azul.

Material/Técnica: Peça de madeira e resina.

Dimensões: Altura 16 cm – Largura 30 cm.

Data: Início do Século XX.

Origem: Desconhecida.

Nome da Instituição: Museu Ginásio São José

Nome do Objeto: Prancha com desenhos dos Modelos anatômicos.

Categoria: Laboratório de Física e Química (LFQ)

Descrição: Três painéis de papel com informações e desenhos que identificam as partes do corpo humano, segundo os modelos anatômicos.

Material/Técnica: Peças de papel.

Dimensões: Altura 58 cm – Largura 47 cm (cada).

Data: Início do século XX.

Origem: Desconhecida.



Nome da Instituição: Museu Ginásio São José

Nome do Objeto: Fonógrafo de Thomas Edson com corneta.

Categoria: Laboratório de Física e Química (LFQ)

Descrição: O fonógrafo é um aparelho para registrar e reproduzir mecanicamente o som. Foi inventado em 1877 pelo norte-americano Thomas A. Edison. Consistia o fonográfico de Edison em um pequeno cilindro de metal revestido com uma folha de estanho montado sobre um eixo que podia ser girado. Próximo ao cilindro situava-se o bocal munido de um diafragma. Uma agulha presa ao diafragma estava colocada em contato com o cilindro. Quando alguém falava no bocal, o cilindro girava. As ondas sonoras faziam o diafragma e a agulha vibrarem. Quando a agulha vibrava imprimia estas vibrações na folha de estanho. Estas impressões representavam as ondas sonoras originais.

Material/Técnica: Peça de madeira e metal.

Dimensões: Altura 30 cm – Largura 32 cm.

Data: 1877

Origem: Estados Unidos da América

Nome da Instituição: Museu Ginásio São José

Nome do Objeto: Balança de Roberval

Categoria: Laboratório de Física e Química (LFQ)

Descrição: Alavanca com pratos em cima de um travessão. Instrumento que mede a massa de um corpo, muito utilizada no comércio.

Material/Técnica: Peça de ferro e latão.

Dimensões: Altura 23 cm - Largura 50 cm.

Data: Sec XIX. - Entre 1882 e 1925.

Origem: Desconhecida.



Nome da Instituição: Museu Ginásio São José

Nome do Objeto: Coleção de Répteis

Categoria: Laboratório de Ciências Naturais (LCN)

Descrição: Coleção de 22 répteis doada pelo Instituto Butantan (época em que o Victor Carneiro trabalhou por lá).

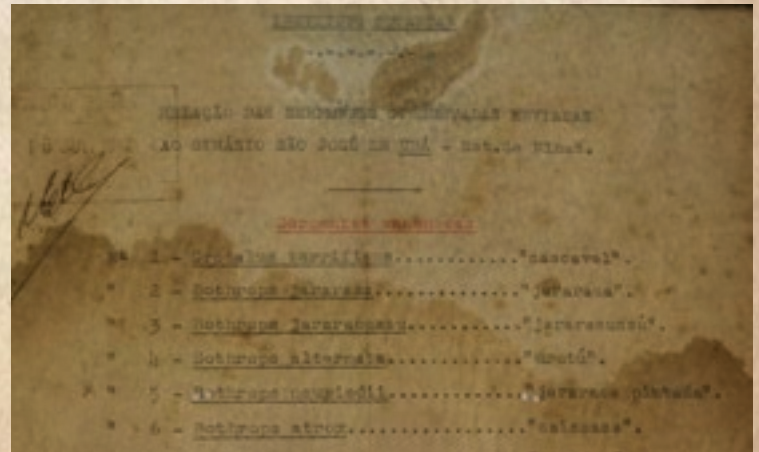
Material/Técnica: Peças de vidro, com formol e animais.

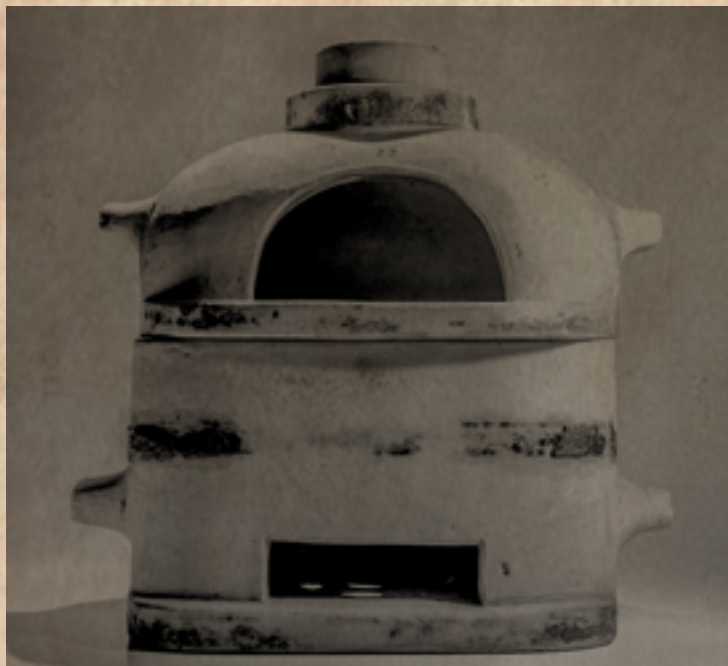
Dimensões: (tamanhos variados)

Estado de Conservação: Bom estado.

Data: 1942

Origem: Doação do Instituto Butantan - São Paulo - Brasil





Nome da Instituição: Museu Ginásio São José

Nome do Objeto: Forno de Cerâmica e peças de alta temperatura

Categoria: Laboratório de Física e Química (LFQ)

Descrição: Forno de cerâmica com dois andares para experimentos em altas temperaturas.

Material/Técnica: Peça de cerâmica.

Dimensões: Altura 50 cm – Largura 41 cm.

Data: Sec XIX. - Entre 1882 e 1925.

Origem: França

Nome da Instituição: Museu Ginásio São José

Nome do Objeto: Conjunto de vidrarias com reagentes químicos e orgânicos.

Categoria: Laboratório de Física e Química (LFQ)

Descrição: Reagentes químicos diversos utilizados em experimentos científicos.

Num total de 12 peças.

Material/Técnica: Peças de vidro, matéria orgânica e produtos químicos.

Dimensões: Variadas.

Data: Sec XIX. - Entre 1882 e 1925.

Origem: Origens diversas.



Nome da Instituição: Museu Ginásio São José

Nome do Objeto: Projetor Sonoro
de Filmes - Natco 16 mm

Categoria: Laboratório de
Física e Química (LFQ)

Descrição: Antigo projetor de filme 16mm
produzido em 1938, com a inscrição “Natco Film
Projection Equipament – Sound Motion Picture
Projection, modelo 3030-1”

Material/Técnica: Peça de aço e outros metais.

Dimensões: Altura 45 cm – Largura 42 cm.

Data: Década de 30.

Origem: Chicago, EUA.



Nome da Instituição: Museu Ginásio São José

Nome do Objeto: Coleção de Aves Taxidermizadas

Categoria: Laboratório de Física, Química e Ciências Naturais (LFQ)

Descrição: Coleção de 15 aves taxidermizadas pelos alunos do
Ginásio São José.

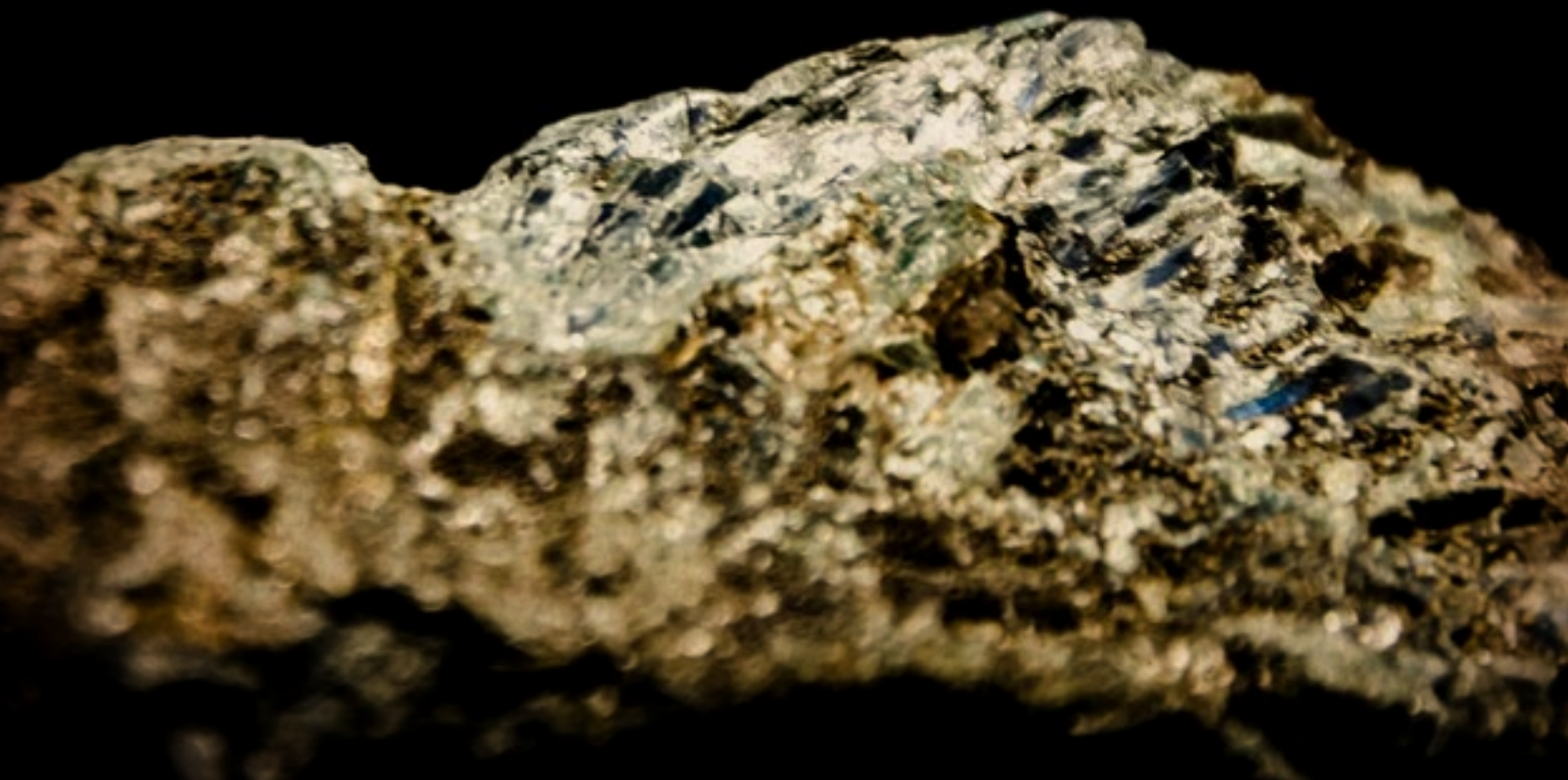
Material/Técnica: Animais taxidermizados.

Data: Década de 30.

Origem: Brasil



CATÁLOGO DE ACERVO DO
MUSEU GINÁSIO SÃO JOSÉ
COLEÇÃO DE ROCHAS E MINERAIS



Nome da Instituição: Museu Ginásio São José

Categoria: Coleção de Rochas e Minerais (CRM)

Nome: Quartzo

Cor: Incolor, roxo e rosa, pode ser verde, enfumado ou leitoso.

Composição Química: Sílica (dióxido de silício, SiO_2)

Aspecto: Transparência completa.

Brilho: Brilho vítreo.

Categoria: Mineral, Cristal de silício.

Aplicações: Areia para moldes de fundição, fabricação de vidro, esmalte, saponáceos, dentifrícios, abrasivos, lixas, fibras óticas, refratários, cerâmica, produtos eletrônicos, relógios, indústria de ornamentos; fabricação de instrumentos óticos, de vasilhas químicas, refratários etc. É muito utilizado também na construção civil como areia e na confecção de jóias baratas, em objetos ornamentais e enfeites, na confecção de cinzeiros, colares, pulseiras, pequenas esculturas etc. A variedade incolor a levemente colorida chamada cristal de rocha, pode atingir dezenas de quilogramas e é utilizado em aparelhos de óptica, em radiodifusão e como pedra semipreciosa.



Nome da Instituição: Museu Ginásio São José

Categoria: Coleção de Rochas e Minerais (CRM)

Nome: Esteatita – Talco ou Pedra Sabão

Cor: Branco a cinzento, verde-maçã a amarelado.

Composição Química: $\text{Mg}_3\text{Si}_4\text{O}_{10}(\text{OH})_2$

Aspecto: Opaco ou translúcido.

Brilho: Perláceo a gorduroso.

Categoria: Mineral Filossilicato.

Aplicações: Indústrias de cerâmica, inseticidas, tintas, borrachas, papel, têxtil, cosméticos, isolantes térmicos, moldes de fundições, polidores de cereais, polidores de calçados, etc. Além disso, é muito utilizado também na confecção de objetos de arte, como por exemplo, as famosas imagens em pedra sabão do artista mineiro Aleijadinho.

Nome da Instituição: Museu Ginásio São José

Categoria: Coleção de Rochas e Minerais (CRM)

Nome: Galena Argentífera (Minério de Prata)

Cor: Prateada, cinza-chumbo.

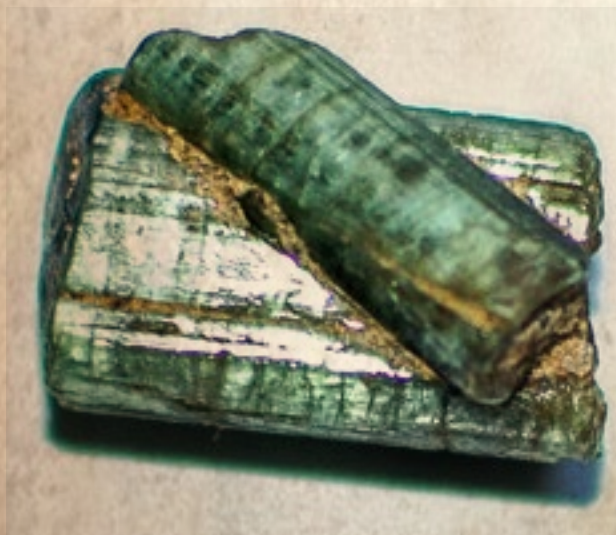
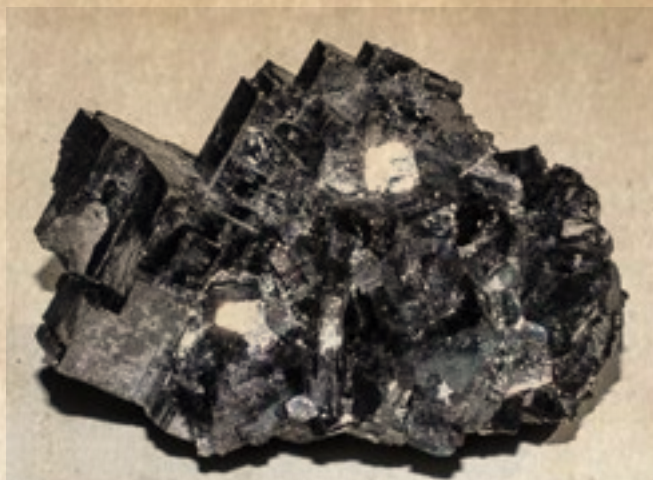
Composição Química: Sulfeto de Chumbo – PbS, frequentemente associado a sulfetos de Zn, Ag, Cu e Fe.

Aspecto: Maciço.

Brilho: Metálico.

Categoria: Mineral do minério de chumbo, e o mais importante dos minérios do chumbo e praticamente o único. A variedade galena Argentífera tem bastante prata.

Aplicações: Muito admirada por colecionadores. Principal fonte de chumbo do planeta e usada para extrair prata (galena argentífera) e como amplificador de sinais. A galena é um semicondutor e foi utilizado na confecção de diodos detectores antes da popularização do uso de dispositivos de germânio ou silício. É bastante conhecida entre os aficionados em eletrônica por propiciar a confecção de um rudimentar receptor de rádio que não utiliza qualquer tipo de fonte de energia externa para funcionar, o rádio de galena.



Nome da Instituição: Museu Ginásio São José

Categoria: Coleção de Rochas e Minerais (CRM)

Nome: Turmalina Verde

Cor: Negra e verde. Pode ser também Incolor, rósea, vermelha, amarela, parda, azul, roxa

Composição Química: $\text{Na}(\text{Mg,Fe,Li,Mn,Al})_3\text{Al}_6(\text{BO}_3)_3\text{Si}_6\text{O}_{18}(\text{OH,F})_4$

Aspecto: Translúcida.

Brilho: vítreo a resinoso.

Categoria: Mineral. Silicato de boro e alumínio.

Aplicações: Usada principalmente como gema, antigamente era usada para limpar cachimbos, devido a propriedades pirlétricas. Emprega-se também em aparelhos de rádio e em instrumentos ópticos. Geralmente comercializadas como pedras de coleção. Certos espécimes são comercializados para museus e colecionadores, geralmente gemas de vários quilogramas. As turmalinas de mais baixa qualidade podem ser usadas em artesanato mineral.

Nome da Instituição: Museu Ginásio São José

Categoria: Coleção de Rochas e Minerais (CRM)

Nome: Cianita incrustada no quartzo.

Cor: Tipicamente azul, mas que pode ser também incolor, verde ou castanho.

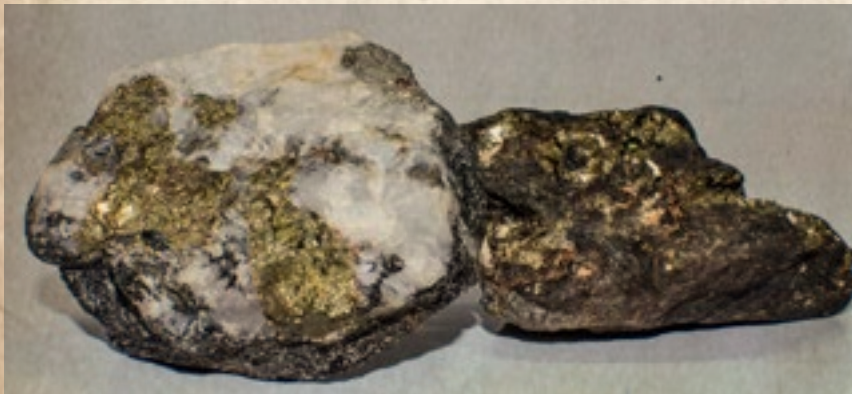
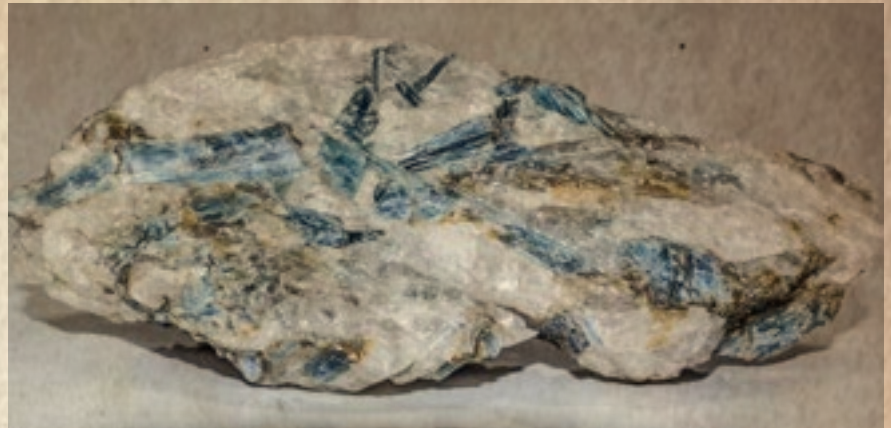
Estrutura: Maciça.

Aspecto: Laminar, colunar, fibroso.

Brilho: Vítreo.

Gênese: A cianita é um polimorfo da andaluzita e da sillimanita. Formado pelo metamorfismo regional de pressão média a alta em rochas pelíticas. Encontrado em micaxistos, gnaisses, eclogitos. Encontrado também em veios pegmatíticos.

Características particulares: Pode estar associada a muscovita, paragonita, granadas, coríndon, estaurolita.



Nome da Instituição: Museu Ginásio São José

Categoria: Coleção de Rochas e Minerais (CRM)

Nome: Pirita de Ferro na Turmalina e no Quartzo (ver descrições anteriores)

Cor: Dourado fosco, amarelo latão, dourado, bronzeado pálido.

Composição Química: Dissulfeto de ferro, FeS_2

Aspecto: Opaco.

Brilho: Metálico intenso.

Categoria: Sulfeto mineral.

Aplicações: Frequentemente usado em joias. Utilizada ainda na indústria de papel e na manufatura de ácido sulfúrico, e para uso em armas de fogo.



Nome da Instituição: Museu Ginásio São José
Categoria: Coleção de Rochas e Minerais (CRM)

Nome: Sodalita.

Cor: Azul ou violeta-azulada, com veios brancos.

Fórmula química: Silicato de sódio-alumínio com cloro - $(\text{Na}_4\text{Al}_3(\text{SiO}_4)_3\text{Cl}$

Aspecto: Translúcido.

Brilho: Vítreo a graxo.

Categoria: Mineral Feldspatóide. Frágil devido à presença de sódio.

Aplicações: Mineral raro, usada como gema semi-preciosa e em objetos ornamentais.

Nome da Instituição: Museu Ginásio São José
Categoria: Coleção de Rochas e Minerais (CRM)

Nome: Topázio Imperial

Cor: Amarelo claro.

Fórmula química: Nesossilicato de flúor e alumínio $\text{Al}_2(\text{F,OH})_2\text{SiO}_4$.

Aspecto: Transparente.

Brilho: Vítreo.

Categoria: Mineral Nesossilicato

Aplicações: Usado em joalheria e considerado gema semi-preciosa.



Nome da Instituição: Museu Ginásio São José

Categoria: Coleção de Rochas e Minerais (CRM)

Nome: Ametista.

Cor: Violeta, roxo, lilás.

Fórmula química: SiO_2

Aspecto: Translúcido a transparente.

Brilho: Vítreo.

Categoria: Mineral, cristal de silício.

Aplicações: Uma variedade do quartzo, muito utilizada como ornamento e empregada como gema em joalherias.



Nome da Instituição: Museu Ginásio São José

Categoria: Coleção de Rochas e Minerais (CRM)

Nome: Vermiculita

Cor: Amarelo, branco e marrom.

Fórmula química: Silicatos hidratados

de alumínio, ferro e magnésio,

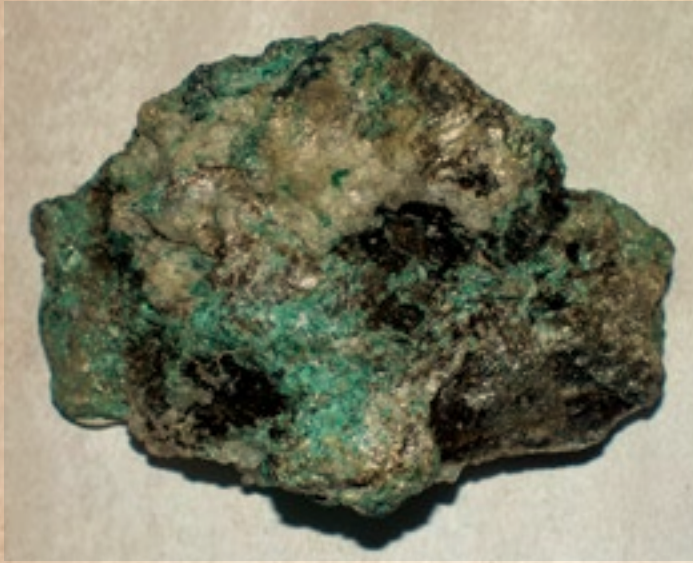
$(\text{MgFe,Al})_3(\text{Al,Si})_4\text{O}_{10}(\text{OH})_{2-4}\text{H}_2\text{O}$

Aspecto: Micáceo.

Brilho: Sedoso a perláceo.

Categoria: Mineral basáltico, semelhante à mica.

Aplicações: Utilizada na construção civil, indústria e agricultura.



Nome da Instituição: Museu Ginásio São José

Categoria: Coleção de Rochas e Minerais (CRM)

Nome: Cristais de Fuchsite no quartzo

Cor: Verde erva e verde esmeralda.

Fórmula química: Silicato de alumínio, cromo e potássio

$K(Al,Cr)_2Si_3AlO_{10}(OH,F)_2$

Aspecto: Micáceo.

Brilho: Vítreo a sedoso e perláceo.

Categoria: Mineral, semelhante à mica verde de cromo.

Aplicações: Manufaturas artísticas (argamassas para revestimentos arquitetônicos).

Nome da Instituição: Museu Ginásio São José

Categoria: Coleção de Rochas e Minerais (CRM)

Nome: Especularita – Hematita Especular

Cor: Cinza grafite com traço vermelho ocre.

Fórmula química: Óxido de ferro (Fe_2O_3).

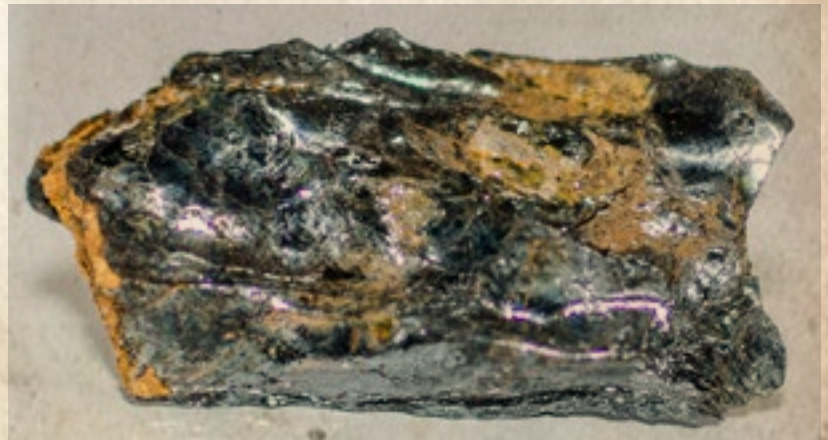
Aspecto: Terroso. A hematita especular (especularita) se apresenta em finas placas micáceas, muito brilhantes, o que lhe confere um aspecto de espelho, de onde vem seu nome:

especular=refletir

Brilho: Metálico

Categoria: Minerais-Minério. O principal minério de ferro. A hematita especular pode apresentar uma partição micácea pronunciada.

Aplicações: Principal fonte de ferro. Pode ser usada como gema (variedade especularita) e quando recebe lapidação facetada é frequentemente chamada de diamante-negro.





Nome da Instituição: Museu Ginásio São José

Categoria: Coleção de Rochas e Minerais (CRM)

Nome: Cristais de Crocoíta

Cor: Laranja – amarelado.

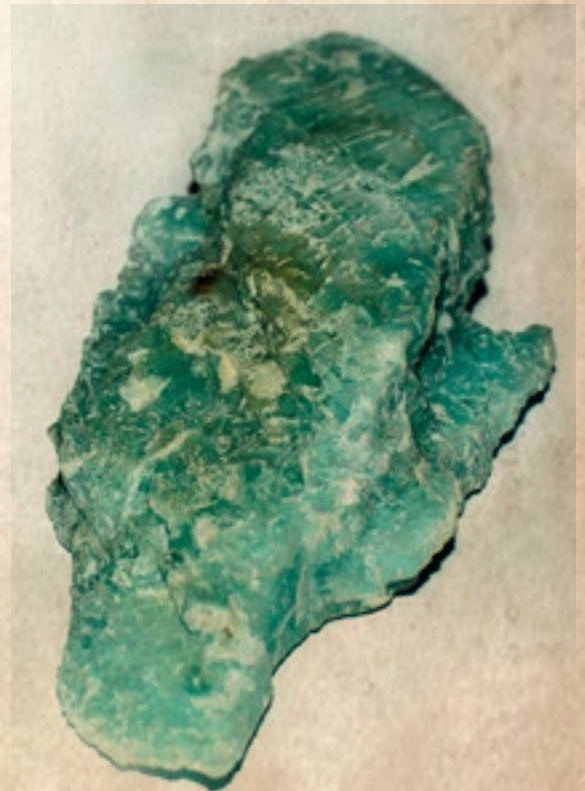
Fórmula química: Cromato de chumbo, $PbCrO_4$.

Aspecto: Fluorescente e fosforescente.

Brilho: Vítreo a adamantino.

Categoria: Mineral de origem secundária, associado a minerais de chumbo.

Aplicações: Principal uso como minera de coleção.



Nome da Instituição: Museu Ginásio São José

Categoria: Coleção de Rochas e Minerais (CRM)

Nome: Amazonita

Cor: Verde a verde azulado

Fórmula química: Silício e oxigênio, $KAlSi_3O_8$.

Aspecto: Opaco.

Brilho: Vítreo.

Categoria: Mineral silicato. Variedade de feldspato alcalino.

Aplicações: Muito usada como pedra ornamental, joias e coleção, em louças e porcelanas.

MUSEU DA NATUREZA

A Natureza pode ser percebida e compreendida por vários óculos. O indivíduo que vê através das lentes da ciência, que é capaz de entender os fenômenos usando a racionalidade e que decifra as manifestações da natureza impregnado de dúvidas e curiosidade pode ser considerado cientificamente alfabetizado. O ser humano que passa por este processo é, não somente entendedor de seu meio, como também sujeito capaz de exercer com melhor desempenho a cidadania. Alfabetizar cientificamente exige e promove uma sedimentação ética, para com o meio ambiente e os outros seres humanos.

Os museus são instituições consagradas em todo planeta que conservam o que há de mais precioso na cultura humana: a memória. Resgatar a memória (biológica, geográfica, histórica, antropológica e social) e preservá-la pode ser uma forma de (re)humanizar o espaço escolar e qualificar o aprendizado.

Neste museu, os alunos são curadores, pesquisadores e mediadores, ou seja, o objetivo não é o museu em si, mas a utilização do seu método para realizar alfabetização científica. O protagonismo dos estudantes fá-los mais interessados pelo conhecimento e mais intensamente envolvidos na pesquisa.

Os alunos-curadores elaboram/organizam coleções e pesquisam-nas, constroem exposições e desenvolvem suas próprias pesquisas. Neste museu-in-museu os estudantes convertem objetos em patrimônio, transcendendo sua materialidade e impregnando-os de significado. É uma maneira de conduzir o ensino por meio de um método (inter)ativo, (re)construtivo, analítico, comunicativo, emocional e afetivo. No processo de conversão de objetos em museálias, elas são convertidas em conhecimentos.

A missão deste museu-laboratório consiste em levar alunos e mestres a viagens no tempo e no espaço, valorizando o saber dos jovens e criando uma cultura de liberdade, criatividade e reflexão sobre a eco-responsabilidade e a cidadania.



Área de Mata Atlântica nas imediações do Museu Ginásio São José

SETOR DE BIBLIOTECA E DOCUMENTAÇÃO

O Patrimônio Cultural é um campo complexo que abrange desde papéis até construções, de mapas a obras de arte, passando por manifestações culturais, culinária e memórias, ou seja, tudo aquilo que é capaz de expressar cultura. Em seus mais de 150 anos de história o casarão que abriga o Museu Ginásio São José testemunhou muitos fatos históricos. Sede da antiga fazenda do Capitão-mor Antônio Januário Carneiro, um dos fundadores da cidade de Ubá, abrigou também a residência de seu filho, o Major Carneiro e de seu neto, José Januário Carneiro, o fundador do Ginásio São José. Neste período foram arquivados uma série de documentos históricos, desde diários pessoais, recortes de jornal de época, correspondências, documentos registrados, testemunhos, enfim, uma série preciosa de evidências do passado produzidas nos momentos em que os fatos aconteciam.

Segundo o Dicionário Brasileiro de Terminologia Arquivística todo documento é uma *“unidade de registro de informação, qualquer que seja o suporte ou formato”*. Por sua vez, documentos arquivísticos são aqueles documentos elaborados ou recebidos e retidos no cotidiano de uma atividade prática *“resultantes das atividades públicas e privadas que acompanham a vida cotidiana dos indivíduos”* (BARBATHO, 2013, P.7). Sendo assim, podemos conceituar este rico acervo documental como fontes primárias de pesquisas diversas. A Historiografia, estudo sistematizado dos fatos históricos, também se baseia em documentos históricos que, muitas vezes, são os únicos meios de compreensão de épocas passadas e fenômenos ocorridos em outros tempos. O Museu Ginásio São José vai oferecer aos estudiosos a oportunidade de, futuramente, penetrarem nestes arquivos e manusear os documentos em busca de vestígios históricos de Minas Gerais, especialmente sobre a região da zona da mata mineira.

Até o presente momento os documentos foram higienizados, acondicionados em locais especiais e organizados. Foram ainda a base de consulta para a construção do histórico do Ginásio São José e para pesquisas sobre o acervo. Atualmente fazem parte do acervo documental do Museu, e muito em breve, após a restauração e digitalização dos mesmos, poderão ser acessados por pessoas interessadas. O Museu conta ainda com uma biblioteca com mais de 2.000 mil exemplares de livros, com edições de valor histórico e temática diversa. Este rico acervo caracteriza o Museu Ginásio São José como uma instituição de memória detentora de importantes documentos arquivísticos, que poderão ser fonte de consulta para construção científica nas mais diversas áreas do conhecimento humano.



Primeira Edição do jornal
dos alunos do Gymnásio
São José – 1917



Telegrama endereçado ao fundador do Gymnásio, e assinado por Carlos Drummond de Andrade, quando foi chefe de gabinete de Gustavo Capanema, 1935.

TELEGRAMA

MINISTÉRIO DA GAZETA E OBRAS PÚBLICAS
DEPARTAMENTO DOS CORREIOS E TELEGRAMAS

Origem: *Ubatã* Nº: *100* Data: *13 de Maio de 1935*

Destinatário: *Dr. José Damasceno* Cidade: *Ubatã*

Assunto: *Dr. Damasceno, mais se comunicar a sugestão sua carta, não assinada com apressa pt. atenuar os comprometimentos.*

Assinado: *Carlos Drummond de Andrade* Cargo: *Chefe Sub. Min. Educaç. e Cult.*

Exceder: R\$. _____



Primeiro Estatuto do Gymnasio São José - 1905

ARMAND GAUTIER
MÉTALLOIDES

GYMNASIO S. JOSÉ
Cidade de Ubatuba, Minas
Dr. José Joaquim Gomes
Newton Carniel



PARIS
PAUL ROUSSEAU & C^{ie}, ÉDITEURS
17, RUE SOUFFLOT, 17
1890

COLEÇÃO E ACERVO FOTOGRÁFICO HISTÓRICO

Dentre as diversas práticas desenvolvidas por um Museu a pesquisa e a produção de conhecimento por intermédio de seu acervo também faz parte de suas funções, enquanto instituição social, cultural e turística. Fotografias históricas são documentos e fonte de pesquisa, instrumento de memória e conservação de dados e fatos histórico e fazem parte do acervo do Museu Ginásio São José. Assim como o acervo arquivístico e documental, as fotografias históricas são fonte de informação/documento. A salvaguarda de fotografias tem sido uma prática museológica das últimas décadas, uma vez que a fotografia pode ser entendida como um testemunho do passado, já que as imagens de fatos sociais também possuem capacidade narrativa e dão à fotografia caráter documental.

“Consideramos fotografia histórica como “toda aquela que nos chega às mãos pronta, tendo sido produzida há algum tempo, com relação ao momento em que é analisada pelo observador.” (LEITE, 2001, p.15). Trata-se, portanto, daquela que, por meio do seu suporte físico e de seu conteúdo imagético, possa ser investigada no que diz respeito ao seu contexto histórico, social, cultural, econômico e artístico no qual foi produzida dentro de um espaço-tempo determinados. Neste caso, estabelecemos o período que corresponde aproximadamente meados do século XIX a final do século XX” (PADILHA, 2014, p.24)

A coleção de fotografias do Museu Ginásio São José é composta por um rico acervo fotográfico acumulado ao longo do tempo, e possui registros que datam desde o final do século XIX até as últimas décadas do século XX. O material é um registro vivo da vida social da antiga instituição de ensino Ginásio São José (1905-1964), da família Carneiro e de eventos públicos na cidade de Ubá, e em outras cidades da região. Reuniões, festas sociais, desfiles cívicos, alunos, professores e o cotidiano do Ginásio São José são identificáveis em uma série de registros em preto e branco, que futuramente - após estudos e pesquisas - poderão subsidiar novos elementos para a reflexão da história recente de Ubá e região. A autoria das fotografias carece de uma investigação profunda, bem como a data de alguns registros. Organizado, higienizado e em fase de catalogação, por intermédio do convênio de modernização de Museus com o IBRAM, o acervo está aberto para pesquisadores, universidades e centros de pesquisa.



Estante com instrumentos de física do Ginásio São José - início do século XX

ESPAÇO DE MEMÓRIA AFROBRASILEIRA E DOS POVOS INDÍGENAS

O Centro de Pesquisa dos Povos da Mata surgiu a partir da necessidade do Museu Ginásio São José problematizar reflexões e pesquisas sobre a memória afro-brasileira e indígena na região da Zona da Mata mineira. Pensado em 2013, por pesquisadores e profissionais envolvidos no projeto de modernização do Museu Ginásio São José, o Centro de Pesquisas possui uma sala expositiva no segundo andar do Museu, onde pretende construir acervo próprio e organizar exposições, a partir dos resultados das pesquisas com essa temática desenvolvidas na região.

O Brasil vive um momento de efervescência dos estudos das questões afro-brasileiras e indígenas, sendo que a lei nº 11.645¹⁵ de 10 Março de 2008, trouxe novos desafios para pesquisadores e Centros de Pesquisas uma vez que se abre uma nova demanda por reflexões, pesquisas e materiais que municiem profissionais de educação na tarefa de efetivar o estudo da história e cultura afro-brasileira e indígena nos estabelecimentos de ensino médio e fundamental. Nesse sentido, enquanto parte do Museu Ginásio São José, o Centro de Pesquisa surge enquanto utilidade pública para os municípios da zona da mata mineira na tarefa de produzir e compartilhar conhecimentos, e ainda qualificar profissionais de educação na tarefa de construir o Brasil enquanto nação plural.

As ruas de Ubá e as serras da Zona da Mata guardam registros significativos da história de Minas Gerais. Desconstruir a neutralidade da história oficial e demarcar as presenças e ausências Africana e Indígena, bem como sua herança na construção da identidade social da região é um desafio necessário

GUAŞCHANTL'EH GUAŞCHANTL'EH
GUAŞCHANTL'EH GUAŞCHANTL'EH
AH, AH CANJANA
MASCHÊ TCH'MBÁ

VAMOS FESTEJAR

Canção em língua Puri

no processo de reconhecimento e salvaguarda de patrimônios imateriais e manifestações culturais populares. Entendemos que o Museu Ginásio São José precisa avançar nos estudos e reflexões sobre a memória Africana e Indígena. Entendemos ainda que este esforço intelectual é imprescindível para a construção de um referencial que orientará a forma como o tema será abordado nos espaços do museu. A partir desse entendimento, propomos a seguinte reflexão: Quais as presenças e ausências das contribuições Africanas e Indígenas na construção social da identidade do município de Ubá e região da Zona da Mata Mineira?

A partir desse questionamento inicial, foi pensada a primeira ocupação da sala expositiva do Centro de Pesquisa, o Espaço da Memória Afrobrasileira e dos Povos Indígenas do Museu Ginásio São José. As pesquisas e projetos desenvolvidos por esse Centro subsidiarão o processo de construção do acervo e exposições do Museu no que tange a memória Africana e Indígena na Zona da Mata Mineira. Um acervo vivo, fruto das relações do Museu com a sociedade e da ética de pesquisadores e artistas comprometidos com a cultura popular brasileira. Nessa primeira proposta de ocupação da sala expositiva, propomos uma reflexão sobre as Presenças e Ausências dos povos Africanos e Indígenas na construção social da identidade do município de Ubá e região da Zona da Mata Mineira; a partir de três conceitos norteadores que se inter-relacionam: Cultura-Identidade, Imaterialidade e Novas Linguagens de (para) protagonismo local.

¹⁵ LEI Nº 11.645, DE 10 MARÇO DE 2008.

Altera a Lei no 9.394, de 20 de dezembro de 1996, modificada pela Lei no 10.639, de 9 de janeiro de 2003, que estabelece as diretrizes e bases da educação nacional, para incluir no currículo oficial da rede de ensino a obrigatoriedade da temática “História e Cultura Afro-Brasileira e Indígena”.

O PRESIDENTE DA REPÚBLICA Faço saber que o Congresso Nacional decreta e eu sanciono a seguinte Lei:

Art. 1º O art. 26-A da Lei no 9.394, de 20 de dezembro de 1996, passa a vigorar com a seguinte redação:

“Art. 26-A. Nos estabelecimentos de ensino fundamental e de ensino médio, públicos e privados, torna-se obrigatório o estudo da história e cultura afro-brasileira e indígena.

§ 1º O conteúdo programático a que se refere este artigo incluirá diversos aspectos da história e da cultura que caracterizam a formação da população brasileira, a partir desses dois grupos étnicos, tais como o estudo da história da África e dos africanos, a luta dos negros e dos povos indígenas no Brasil, a cultura negra e indígena brasileira e o negro e o índio na formação da sociedade nacional, resgatando as suas contribuições nas áreas social, econômica e política, pertinentes à história do Brasil.

§ 2º Os conteúdos referentes à história e cultura afro-brasileira e dos povos indígenas brasileiros serão ministrados no âmbito de todo o currículo escolar, em especial nas áreas de educação artística e de literatura e história brasileiras.” (NR)

Art. 2º Esta Lei entra em vigor na data de sua publicação.

Brasília, 10 de março de 2008; 187º da Independência e 120º da República.

LUIZ INÁCIO LULA DA SILVA

Fernando Haddad





1862

GYMNASIO SÃO JOÃO

© Talmeida.com

OFICINAS DE ARTE-EDUCAÇÃO



O Ginásio São José foi criado em 1905 para ser uma instituição de ensino, naquela época denominado educandário. Após seu tombamento e restauração, em 1999 abriu suas portas com a missão de manter este objetivo, se tornando um local destinado ao desenvolvimento educacional, artístico e cultural, para toda a cidade e microrregião de Ubá. Desde 2003 o Ginásio mantém oficinas de artes mantidas com recursos da Lei Estadual de Incentivo à Cultura. No ano de 2008 foi lançado um edital de Pontos de Cultura pelo Estado de Minas Gerais, e o então Centro Cultural Ginásio São José foi um dos 100 projetos aprovados, por sua relevância para a região. Com os recursos do convênio o espaço construiu sala multimídia, anfiteatro equipado e desde 2011 oferece oficinas de arte, teatro, informática, artesanato, dança e música. Com recursos do Fundo Estadual de Cultura foram incluídas ainda oficinas de design criativo e artesanato feitos com resíduos das indústrias moveleiras, destinadas à formação e geração de renda para jovens em situação de vulnerabilidade social.

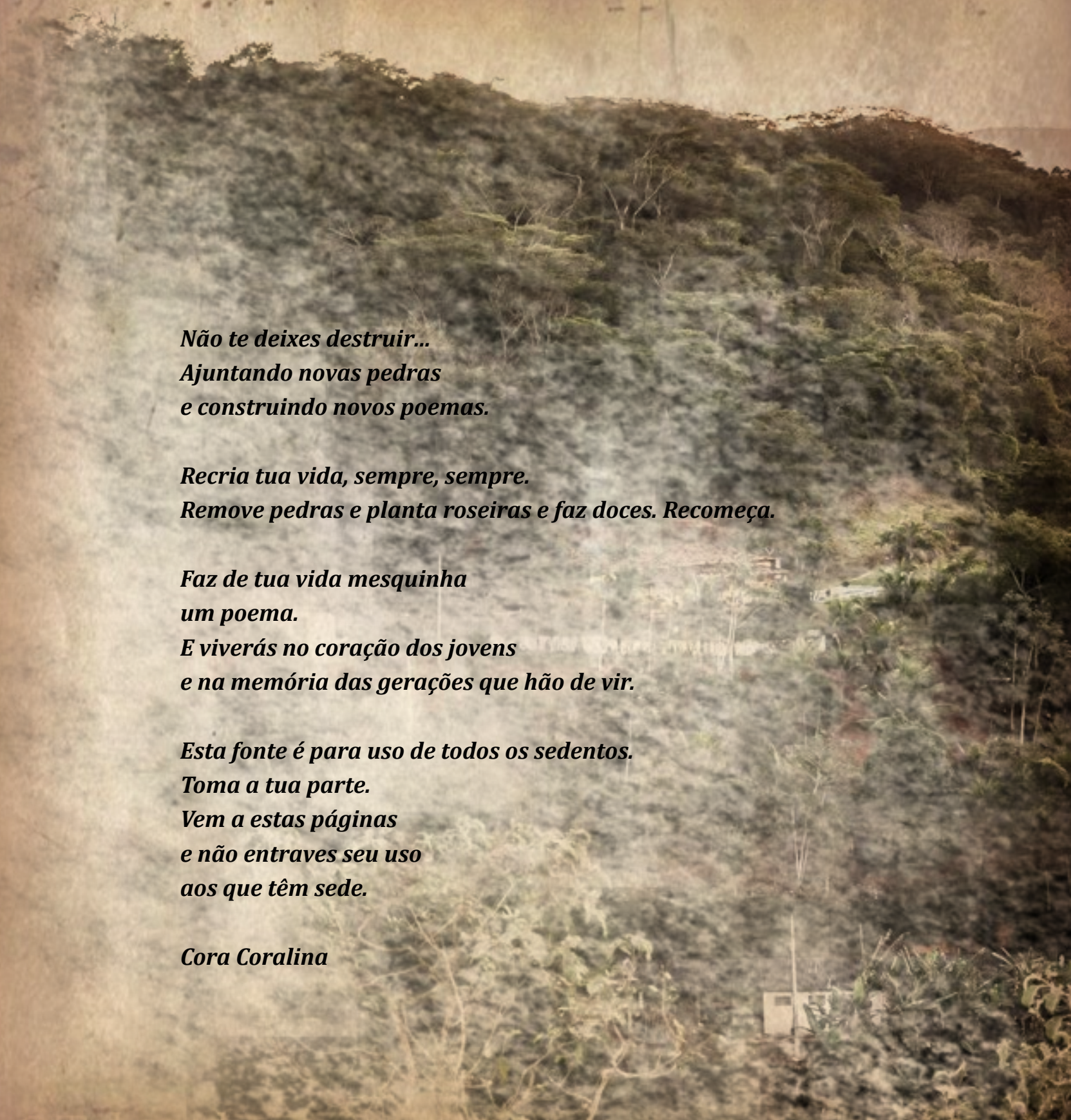
O Museu Ginásio São José também possui a chancela de Ponto de Cultura, instrumento único para a descentralização e o fortalecimento das ações culturais em Minas Gerais, que reflete a parceria do Ministério da Cultura e a Secretaria de Estado, e expressa a diversidade da cultura mineira. Através do programa o Museu conseguiu ampliar sua infra-estrutura, inclusive para receber visitantes, pesquisadores e grupos interessados, que poderão ser recebidos nos alojamentos do Museu, e utilizar de seu espaço para realização de eventos, estudos, oficinas e encontros culturais.

SPANNASIO

A photograph of a building facade with a thatched roof and a palm tree in the foreground. The text "SÃO JOSÉ" is visible on the wall. The image is slightly blurred, suggesting motion or a shallow depth of field.

SÃO

JOSÉ



*Não te deixes destruir...
Ajuntando novas pedras
e construindo novos poemas.*

*Recria tua vida, sempre, sempre.
Remove pedras e planta roseiras e faz doces. Recomeça.*

*Faz de tua vida mesquinha
um poema.
E viverás no coração dos jovens
e na memória das gerações que hão de vir.*

*Esta fonte é para uso de todos os sedentos.
Toma a tua parte.
Vem a estas páginas
e não entres seu uso
aos que têm sede.*

Cora Coralina



REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

BARBATHO, R.R.G; AGUIAR, L.C. *Os arquivos e a História: a importância dos documentos arquivísticos e das Instituições de custódia na pesquisa histórica*. Anais do XXVII Simpósio Nacional de História, ANPUH, Natal, Rio Grande do Norte, 2013, 15 p.

JAMIN. M.J. *Cours de Physique de l'école Polytechnique*. Tome Premier. Gauthier-Villars, Imprimeur'-libraire. Paris. 1882.

PADILHA. R.C. *O Museu como Espaço de Pesquisa: proposta para descrição do acervo fotográfico histórico*. Dissertação. Orientadora: Lígia Maria Arruda Café. Programa de Pós Graduação em Ciência da Informação da Universidade Federal de Santa Catarina, Florianópolis, 2014.

SANTOS, R.V.; FERREIRA, G.N. *Laudo Técnico do Diagnóstico de Conservação do Acervo pertencente ao Gymnásio São José*. Ubá, 2012.

TABORDA, R. *Pequeno Compêndio de Ciências Físicas e Naturais por perguntas e respostas*. Ginásio Estadual Anchieta de Porto Alegre. III Edição. Ministério da Educação. Porto Alegre. RS, 1932.

THIERRY, Le D. Maurice. *Atlas de Manipulations de Chimie. Faculte de Médecine de Paris*. Ed. Paul Rousseau & Cie Éditeurs. Paris, 1890.

Site Museo Coloma: <http://museo.iescoloma.es/catalogo/index.php>

Site "Thesaurus de acervos científicos em Língua Portuguesa": <http://thesaurusonline.museus.ul.pt/>

DOCUMENTAÇÃO CONSULTADA NO ACERVO DOCUMENTAL DO MUSEU GINÁSIO SÃO JOSÉ:

_DISCURSOS E PALESTRAS:

_CÂMARA DOS VEREADORES DE UBÁ. Discurso proferido por ocasião das solenidades do centenário de José Januário Carneiro. Ubá: 1959.

_VIANA, José de Alencar Carneiro. Razões e Sugestões para a Transformação do Ginásio São José, de Ubá, em Ginásio Industrial ou Agrícola e Industrial. Belo Horizonte: 1963.

_DOCUMENTAÇÃO INSTITUCIONAL:

_CARNEIRO, Newton. Carta De Newton Carneiro aos proprietários do Ginásio São José. Ubá: 17/01/1963.

_GINÁSIO SÃO JOSÉ. Estatuto do Ginásio S. José. Ubá: 1905.

_____. Estatuto do Ginásio S. José. Ubá: 1947.

_JORNAIS:

_A GAZETA DE UBÁ, 03/09/1905.

_DIÁRIO DE CATAGUASES, 1/5/1965.

_DIÁRIO OFICIAL DO ESTADO DE

_MINAS GERAIS, 3/5/1965.

_O DIÁRIO, 9/2/1967.

_O GINASIANO, 24/8/1951.

BIBLIOGRAFIA

_AGUIAR, José Otávio. *Memórias e história de Guido Thomaz Marlière: a transferência da corte portuguesa e a tortuosa trajetória de um revolucionário francês no Brasil*. Campina Grande: Editora da Universidade Federal de Campina Grande, 2010.

_ANASTASIA, Carla Maria Juno. *A Geografia do Crime: violência nas Minas setecentistas*. Belo Horizonte: Editora UFMG, 2005.

_CARNEIRO, José Januário. *Aos pais - Porque fundei o Ginásio São José fora dos centros populosos*. Juiz de Fora: Casa Azul, 1931.

_CARNEIRO, Palmyos Paixão. *A fundação de São Januário do Ubá: esboço sócio-econômico (1797 - 1857)*. Ubá: Academia Ubaense de Letras, 1987.

_CARRARA, Angelo Alves. *Estruturas agrárias e capitalismo: contribuição para o estudo da ocupação do solo e da transformação do trabalho na zona da Mata mineira (séculos XVIII e XIX)*. Mariana: Universidade Federal de Ouro Preto, 1999.

_MOVIMENTO CULTURAL SÃO JOSÉ. *In Memoriam - Dr. Fécas (O Mestre Inesquecível) - Por motivo da inauguração do busto do grande educador na cidade de Ubá em 24 de agosto de 1945 - XL aniversário do Ginásio São José*. Ubá: (Reimpressão de original de 1949), 2005.

_PINTO, Francisco Eduardo. *Avanço da agricultura sobre as terras indígenas da capitania de Minas: distribuição de sesmarias nos sertões dos rios Pomba e Peixe (1750 - 1822)*. In: Anais do XIV Seminário sobre a Economia Mineira. Diamantina: CEDEPLAR/UFMG, 2010. Disponível em: http://www.cedeplar.ufmg.br/seminarios/seminario_diamantina/2010/D10A028.pdf.

_PREFEITURA MUNICIPAL DE UBÁ. *Ubá - Cidade Carinho*. Ubá: Prefeitura Municipal de Ubá, 1980.

_VIANA, Natércia Micheletti. *Juventude, cidade e educação: a experiência do Ginásio Mineiro em Belo Horizonte (1898-1914)*. Belo Horizonte: Faculdade de Educação da Universidade Federal de Minas Gerais (Dissertação de Mestrado), 2004

_VIEIRA, Clotilde. *História de Ubá para as Escolas*. Ubá: (sem editora), 1990.



Ministério da
Cultura

